

9. O PARADIGMA ANCESTRAL NA EPISTEMOLOGIA DA RELIGIÃO

A humildade religiosa está em perfeito acordo com as pressuposições de uma sociedade democrática. Uma religião profunda deve reconhecer a diferença entre a majestade divina e a condição de criatura do homem; entre o caráter não condicionado de todo empenhamento humano. De acordo com a fé cristã, o orgulho, que procura esconder o caráter condicionado e finito de todo empenho humano, é a própria quintessência do pecado. A fé religiosa deve, portanto, ser uma fonte constante de humildade, pois deve encorajar os homens a moderar seu orgulho natural e atingir uma consciência satisfatória da relatividade até mesmo da afirmação da sua verdade máxima. Deve ensinar-lhes que a sua religião tem mais probabilidades de ser verdadeira se reconhecer o elemento de êrro e pecado, de limitação e contingência que aparece mesmo na afirmação da mais sublime verdade.

Historicamente, a forma mais desenvolvida de tolerância democrática baseia-se precisamente nessas conclusões religiosas. (...) Seu ponto de vista foi expresso na ‘Aeropagítica’, de John Milton e em ‘Smoke in the Temple’, de John Saltmarsh. O último expressa perfeitamente a humildade religiosa que deve formar a base da democracia religiosa: ‘Não assumamos’ declara êle, ‘qualquer poder de infalibilidade em relação um ao outro... pois o que é evidente para alguém é obscuro para mim e vice-versa... até que o Senhor nos esclareça a ambos para um discernimento semelhante.’ [NIEBUHR, Reinhold:1965, 94/95]

Como aprendiz da ciência, formei desde as minhas primeiras reflexões sobre a “*Ideologia e Utopia*” de MANNHEIM¹, uma compreensão das relações entre o **valor** e a **verdade**, que me acompanha ao longo de minha trajetória de vida. Essa convicção afirma: que não se confundem, mas que, no limite, são indissociáveis uma da outra, essas categorias; como também o são, por necessidade ou conseqüência o **ser** e o **dever-ser**, o **agir** e o **fazer**, na totalidade da consciência e da realidade. E disso resulta o imperativo de perseguir, com honestidade e clareza - os pressupostos sobre a mesa de trabalho intelectual, e as descobertas submetidas à disciplina da ação - o máximo de objetividade possível, no esclarecimento mútuo dessa tensão que nos cobra, permanentemente, a ambigüidade: do recolhimento na academia e do afrontamento no mundo lá fora.

Chegando, tardiamente, à síntese provisória desse entendimento - sobre o fundamento das coisas, a substância das formas e o mundo da vida - despojado, pelo sofrimento do ser, das concessões à vaidade das certezas cultivadas; e armado, pela inspiração do dever, contra as objeções da censura aos territórios proscritos pelo “não-saber científico”; sinto-me inteiramente à vontade para enfrentar um último desafio, e clarificar nele as razões finais, que me animam a oferecer à crítica esse texto... e no estado em que se encontra; o qual, desde logo se percebe, pela magnitude do seu escopo e pela esquemática da sua realização, inverte o parâmetro clássico da produção científica em épocas normais, constituindo-se em 90% de inspiração e, apenas, 10% de transpiração.

¹ A observação refere-se às aulas de Política I e II, ministradas pelo Prof. Leônidas Xausa, que foi o nosso mestre de iniciação, dos quadros que formam hoje o decanato da ciência política gaúcha.

Não pretendo, com isso, dizer que não transpirei nesse empreendimento. Até porque acredito que, honesta e corajosa, toda obra intelectual é a transpiração de uma biografia. Mas haveria que trabalhar muitas vidas, para precisar conceitualmente e ajustar empiricamente, nas suas proposições, todo o espectro da epistemologia de síntese. E nem tenho a pretensão de, assim, invocar o gênio - que me tenha alcançado a fortuna da sua inspiração; mercê do que pudesse descartar o rigor - que me tenha exigido a virtude na transpiração necessária à conclusão dessa obra.

O que, simplesmente, pretendo é **manifestar a minha humildade, diante dos temas e da ancestralidade do paradigma que me propus descortinar!**

E, nada melhor para isso, como tributo, também, do respeito que devo, em forma de transpiração, aos meus interlocutores, do que explicitar a origem daquela inspiração. E nada mais importante, aliás, para a efetiva demonstração do caráter totalizante do paradigma em desenvolvimento nesta tese, do que submetê-lo a um derradeiro teste de consistência.

Nesse sentido, é relevante o exercício empreendido na elaboração deste Capítulo. Nele se procura resgatar, à compreensão da Verdade, os conteúdos de Saber, que emergem na interpretação da Tradição das religiões profundas. Para concluir-se, afinal, pela convergência, entre si, dos conceitos e conteúdos que informam genérica e globalmente a Tradição Religiosa da Humanidade; e pela convergência, no modelo paradigmático da epistemologia de síntese, dos conteúdos dogmáticos mais fundamentais aos conceitos religiosos que vão analisados.

É assim que, no terceiro Capítulo, do terceiro círculo dessa tese, retorno ao ponto de partida, da minha experiência de vida e sala de aula, em busca do fundamento e do objeto que lhe deram origem: a PHÊNIX e a CRUZ, que, de alguma forma, simbolizam a essência dessa descoberta.

Como a PHÊNIX, três mortes eu vivi intensamente, que me deram a força de renascer na perspectiva do **AGIR COMUNICATIVO**, que, de alguma forma este texto realiza. Foi assim que me tornei mais atento, quando deixei a cidade e busquei o recolhimento do campo; mais denso, quando fui traído pelos meus próprios companheiros de caminhada e por eles linchado em praça pública; e mais profundo, quando reconheci a existência como tragédia e nela assisti a passagem de Fernanda.

E foi na meditação da CRUZ, em forma do PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO² - como o deparei um dia no esoterismo de UMBANDA - que eu visualizei o sentido - o qual tenho por universal - da totalidade como dialética triádica. Isso que, me reconstituiu a Vida e me amparou no mapeamento das categorias desse **FAZER COMUNICATIVO** que é a epistemologia de síntese.

Relembrando esse afrontamento originário do tema, me acerco da conclusão dessa obra, retornando ao seu ponto de origem. Agora, na perspectiva de contribuir para um resgate à dignidade do Saber religioso, no concerto dos demais Saberes - ou seja, da ARTE, da FILOSOFIA e da CIÊNCIA - mediante a demonstração da compatibilidade do paradigma epistemológico, no estudo da Tradição das religiões profundas.

² Referência ao MAPA-CHAVE nº 1, que integra a obra “UMBANDA DE TODOS NÓS-COMPÊNDIO HERMÉTICO” de W.W. da MATTA E SILVA, ED. Livraria Freitas Bastos, 7ª ed. 1992.

9.1 A síntese de Plutarco sobre a VERDADE e o centro dos mundos do SABER... “de tudo que é e será”

Uma visão de conjunto, é oportuno que seja descortinada neste ponto, para que se possa retomar, no encantamento de uma alegoria, o horizonte dessa investigação.

Como PLUTARCO, na sua visão da PLANÍCIE DE ALÉTHEIA [apud DETIENNE, 1981:64]³, percebi que a VERDADE se encontra no centro de **183 mundos**, reunidos em triângulo, a **razão de 60** por lado, **mais 3**, distribuídos um em cada ângulo. Trata-se de uma expressão cifrada do filósofo, cujo simbolismo exige interpretação. Em sua inspirada alegoria, no centro de um triângulo, que figura o centro dos mundos laterais da contingência e dos três ângulos que permitem enfocá-los, os **princípios e as formas de tudo que é e será**, jazem imóveis e são imutáveis. E são circundados pela ETERNIDADE - de onde o TEMPO foge como uma onda para os mundos.

As imagens de PLUTARCO são, desde logo, exotericamente significativas, eis que designam: os três lados de um triângulo, como três dimensões estruturais da realidade - ou três CAMPOS DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER; e os três ângulos que permitem visualizá-los, desde pontos diferenciados do espaço, como três dimensões funcionais da realidade - ou três INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS. Não obstante, a expressão de PLUTARCO encerra ainda, como uma chave para a corroboração dessa interpretação, um segundo nível de sentido.

De fato, segundo fórmula conhecida dos esoteristas⁴, o Valor Secreto de 60, é 1830. Desprezando-se, na interpretação, os zeros finais de 60 e 1830, verifica-se que a expressão de PLUTARCO designa o **número 6 - um hexágono ou uma estrela de 6 pontas - como o radical essencial dos 183 mundos existentes**. Caracteriza-se, assim, pela figura formada por dois triângulos invertidos, o **centro dos mundos**, onde ele situa a *Planície de Alétheia* - o *locus* da VERDADE. Essa que ali jaz, circulada pelos limites que nela estabelecem - como LEI - a validade universal dos princípios e formas que encerra; isso mesmo que PLUTARCO designa por ETERNIDADE.⁵

E o TEMPO, dirieis, que sentido faz?

Ah! O TEMPO... É uma emanção da própria ETERNIDADE, nas suas ondas que se dirigem ao ESPAÇO dos mundos que lhe são exteriores. Sendo estes conformados pelos três lados - ou pelas três dimensões estruturais da realidade contingente; o TEMPO é conformado, a sua vez, pelos vetores de força, definidos pelos três ângulos dos interesses epistemológicos. Eis aqui uma figuração descritiva, da **PLANÍCIE DE ALÉTHEIA**, como está **desenhada na capa deste tese**... e no modelo formal que utilizei como recurso heurístico para a elaboração diagramática do paradigma triádico.

Não é exclusividade de PLUTARCO, essa visão de mundo, que nos alcança o horizonte no conceito de ALÉTHEIA. Está presente no ensinamento dos grandes mestres de iniciação das Tradições Religiosas da Humanidade, desde tempos ancestrais. E informa a humilde pretensão dessa tese, de contribuir para

³ Referência ao texto citado na epígrafe do Capítulo 5 deste texto.

⁴ O Valor Secreto de um Número - que expressa o seu radical essencial - é obtida pela multiplicação deste Número por ele mesmo mais um, dividindo-se o resultado por dois.

⁵ PLUTARCO, mesmo faz questão de corroborar essa - diz ainda que esse hexágono é formado por um triângulo que tem sessenta mundos de cada lado, mais três outros mundos que formam os três vértices de um segundo triângulo.

uma operação de resgate intelectual, que permita reintegrarem-se na dignidade de um Saber reconhecido e respeitado, os conteúdos de VERDADE, que se tem estruturado nas tensões diádicas, que conformam o conhecimento elaborado e acumulado pela CIÊNCIA, pela FILOSOFIA, pela ARTE e pela RELIGIÃO.

9.2 As categorias do núcleo sîgnico e a constelação das subtríades do agir e do fazer comunicativos, na epistemologia da religião

Na conseqüência dessa abordagem, o que se pretende elaborar, e de forma apenas esquemática e propositiva, é uma tradução dos conceitos, que integram o núcleo sîgnico do paradigma sintético, de sorte que se evidencie a sua correspondência às categorias do Saber, tradicionalmente envolvidos no **agir** e no **fazer comunicativos** das Tradições da RELIGIÃO. É o que segue explicitado no conteúdo exploratório da **Tabela 33**, que reproduz para o contexto de uma análise do Saber religioso, o modelo paradigmático que se elaborou nesta Tese.

Tabela 33: Esboço conceitual de uma Epistemologia da RELIGIÃO: categorias do núcleo sîgnico e constelação das subtríades dos interesses epistemológicos - correspondências na Divisão Funcional do Saber religioso.

CATEGORIAS DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE	IMPACTOS DOS INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS	CATEGORIAS DO NÚCLEO SÍGNICO			DIVISÃO FUNCIONAL DO SABER RELIGIOSO
		PRIMEIRIDADES	TERCEIRIDADES	SECUNDIDADES	
NÚCLEO DO ENTENDIMENTO E CONHECIMENTO	AUTO-REALIZAÇÃO	PRINCÍPIO	APLICAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	PROTO-SÍNTESE DA TRADIÇÃO RELIGIOSA
	AUTO-REFLEXÃO	REPRESENTAÇÃO	EXPRESSÃO	ARQUÉTIPO	
Interesse da Fundamentação Transcendental do Entendimento - <i>THÉORIA</i>	PRINCÍPIO: RAZÃO	Parcialização: REVELAÇÃO	Justificação: PROFECIA	Adjudicação: ASCESE	TEURGIA
	ARQUÉTIPO: PARADIGMA	Consensualização: DOCTRINA	Formalização: CULTO	Institucionalização: IGREJA	LITURGIA
Interesse da Reconstrução Teórica do Significado - <i>POIÉSIS</i>	PRINCÍPIO: CRÍTICA	Suspeição (Astúcia da Fé) EVOCAÇÃO	Restauração: RECOLHIMENTO	Recolhimento de sentido: VISUALIZAÇÃO	MEDITAÇÃO
	ARQUÉTIPO: MÉTODO	Demonstração: INVOCAÇÃO	Corroboração: VERBALIZAÇÃO	Observação: FÉ	ORAÇÃO
Interesse da Compreensão Participativa do Discurso - <i>PRÁXIS</i>	PRINCÍPIO: SABEDORIA PRÁTICA	Totalização: CARIDADE	Internalização: MEDIUNIZAÇÃO	Reflexão: MISSÃO	APOSTO-LADO
	ARQUÉTIPO: CONSCIÊNCIA	Empatia: ORDENAÇÃO	Postulação: PREGAÇÃO	Convicção: CONVERSÃO	CATEQUESE

Na seqüência dessa análise, tratar-se-á de desenvolver - sob o prisma da epistemologia de síntese e na perspectiva da aplicação e teste da sua consistência no resgate de um Saber ancestral - uma análise da compatibilidade teórica e da intercomplementaridade com o modelo paradigmático, que eventualmente venham a apresentar os conceitos básicos da Divindade, elaborados por três diferentes Tradições das religiões profundas.⁶

9.3 A dupla tríade na TRADIÇÃO da filosofia religiosa hindu.

Um dos mais autorizados intérpretes da filosofia religiosa do YOGA no Brasil, CAIO MIRANDA [1960], resume assim as concepções básicas da chamada “doutrina secreta” da cosmogênese contida nos textos sagrados e na tradição monástica do Oriente:

“Deus se manifesta criando Universos. (...)

Entre a criação e manifestação de um Universo e o que lhe sucede, há um período de repouso, denominado PRALAYA. Também na manifestação da Divindade verifica-se o ritmo, isto é, o período ativo e o passivo.

Deus considerado em relação com o Universo tem o nome de “BRAM”, que significa “Deus em manifestação”. No PRALAYA, Deus toma o nome de PARA-BRAM, o Imanifestado. Nesse estado de passividade, não pode o homem concebê-Lo ou percebê-Lo, porque é um estado absoluto, sem polarização.

*Cada Universo que se forma, deve evoluir, juntamente com os Sêres que nele aparecerão, obedecendo a um plano de evolução. O tempo decorrido entre o aparecimento do Universo, primeiro em forma sutil, depois gradativamente se condensando para novamente se sutilar e finalmente ser absorvido por Deus, é de tal maneira imenso que nossa mente não poderia fazer dele uma idéia. Durante êsse período, no qual se processa a evolução total do Universo e dos seres que nele habitam, formam-se sucessivamente os reinos da natureza, nos quais a evolução da forma permite, cada vez mais, uma melhor manifestação da Vida.. Primeiro aparece a **vida-energia**, depois a vida-consciência, como nova forma daquela primeira manifestação vital. A vida-energia evolui para a vida-consciência e esta progride até atingir a própria Divindade. Quando todos os seres do Universo Formado atingem êsse grau de consciência, está cumprida a função daquele Universo e êle se desfaz. É novamente absorvido por BRAM. Deus quando expira, dá origem à formação do Universo e quando inspira o absorve novamente.*

O Universo, portanto, é Deus em manifestação.”[MIRANDA, 1960:65/66]

Nessa TRADIÇÃO, onde a VERDADE absoluta repousa no centro da PLANÍCIE DE PRALAYA [que evoca a imagem da ALÉTHEIA de PLUTARCO], como a Eternidade e a Onisciência de Si Mesmo, a manifestação de Deus, nos mundos da contingência que a circundam, toma a forma de dois triângulos.

O primeiro é formado por BRAM [abreviatura de BRAHMAM] - que é Deus saindo do seu estado absoluto, Deus em Manifestação - que “*cria e projeta **dois modos de ser opostos**, de Si mesmo: a Energi-*

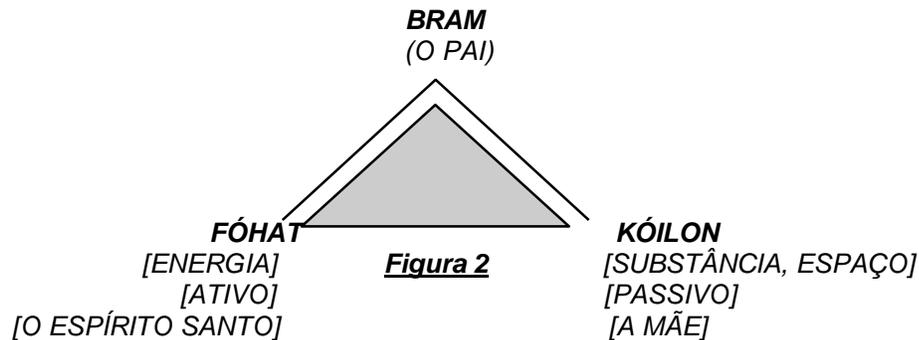
⁶ A escolha das Tradições religiosas aqui trabalhadas, é preciso advertir, não intenciona preterir quaisquer outras do campo de abrangência dessa operação de resgate conceitual e da consideração que lhes merece a sua dignidade intrínseca - segue, simplesmente, o descortino daqueles conteúdos, que as contingências da vida me tornaram, de alguma forma, imediatamente acessíveis, e que a inquietude intelectual me impôs à consideração em maior profundidade: a filosofia religiosa hindú, a tradição bíblica hebraico-cristã e a teogonia de Umbanda. Note-se, não obstante, o caráter abrangente dessa escolha que, de alguma contempla as tradições religiosas predominantes do Oriente e do Ocidente, sem preterir-se, no entanto, os cultos populares de raiz na tradição Afro-brasileira.

a, capaz de movimentar-se, e o Espaço capaz de, por sua imobilidade, permitir a existência efetiva do movimento.” [MIRANDA, 1960:66]

A partir dessa figuração, em que a emanção de DEUS [BRAM] - como o TEMPO que foge da ETERNIDADE em PLUTARCO - conforma a Energia criadora [FÓHAT] e o ESPAÇO cósmico [KÓILON], define-se a **primeira TRINDADE**, responsável pela gênese do Universo.⁷

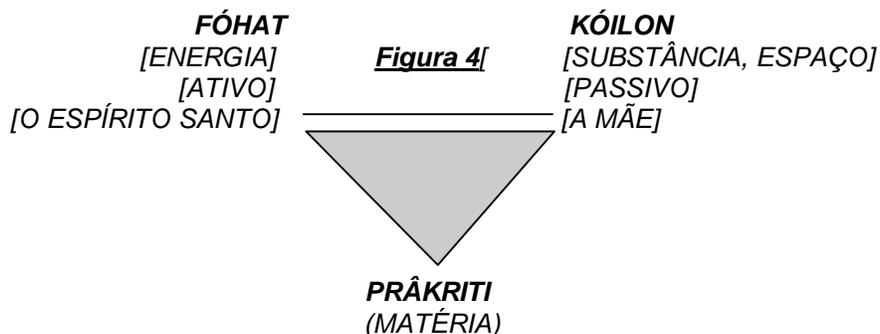
Em Caio MIRANDA, o paralelismo com a teologia ocidental [e, assim também, a **convergência conceitual de ambos os sistemas de pensamento com o paradigma da dupla tríade, na epistemologia de síntese**] é explícita: com a penetração da Energia criadora [FÓHAT - ou o ESPÍRITO SANTO] no Espaço cósmico [KÓILON - ou a VIRGEM MARIA CÓSMICA], dá-se o surgimento da MATÉRIA [PRÂKRITI - ou o FILHO], conformando-se, dessarte, a figuração de uma **segunda TRINDADE**.⁸

7. “Na filosofia hindu, a Energia denomina-se Fóhat (Energia criadora, ou energia cósmica) e o Espaço denomina-se Kóilon. Na teologia ocidental Fóhat é o Espírito Santo, e Kóilon é a Virgem Maria Cósmica, em cujo ventre, sempre virgem, se irão gestar todas as formas e todos os mundos. (Na verdade, o espaço não fica maculado pelo aparecimento da matéria no seu interior, pois uma vez desaparecida ou retirada a matéria, êle permanece o mesmo, em estado virginal). sse primeiro compasso para a formação de um Universo, pode ser representado pela figura seguinte:



que é o triângulo perfeito e significa “o mundo divino”. Ainda não existe, nessa primeira situação de Bram, a matéria. Tudo aí se resume numa intenção divina. A matéria surge, ou melhor, a manifestação se dá, quando a Energia penetra o Espaço, isto é, começa a movimentar-se. Na filosofia teológica ocidental diríamos: **quando o Espírito Santo fecunda a Virgem Cósmica.** (...)

8. Surge aí então a matéria. O espaço fica todo povoado de infinitas manifestações daquela **Energia em movimento**, que são os átomos primordiais do Universo em formação. Aparece então o Filho, produto da fecundação da Virgem Cósmica pela Energia Criadora. Êsse Filho, a matéria, cuja característica principal é o próprio movimento, denomina-se PRÂKRITI. A figura representativa dêsse novo estado de BRAM, será a seguinte:



que é também a representação do “mundo humano”, ou mundo inferior, destinado a evolver, que precisa evolver, porque teve um princípio, e terá conseqüentemente de ter um fim. Êsse princípio e êsse fim, serão sempre originados e produzidos pelo **movimento**, sempre relativo. Parabram não tem princípio e nunca terá fim porque não possui **movimento**, é permanente, eterno e imutável: - é Absoluto. [MIRANDA. 1960: 67-70]

A primeira TRINDADE de **BRAM**, preexistente ao próprio surgimento da MATÉRIA, constitui-se num aspecto ainda transcendente à figuração do núcleo sgnico, no processo do conhecimento. A TRINDADE DIVINA, aqui, é, ainda, uma intenção da manifestação de DEUS, no conceito de BRAM, Esse que se vai concretizar, como processo involutivo, descendente, coagulante, do FAZER COMUNICATIVO de DEUS, na segunda TRINDADE, quando o ESPÍRITO DE DEUS, penetrando o ESPAÇO CÓSMICO, origina a MATÉRIA.

Na Tradição religiosa do Oriente, dessarte, o aspecto de DEUS em BRAM designa a TRÍADE do FAZER COMUNICATIVO. Para identificarmos os conceitos que conformam a TRÍADE do AGIR COMUNICATIVO, nossa reflexão precisa voltar-se sobre o aspecto de BRAM denominado PURUSHA ou ATMAN, e sobre as categorias designadas como as três GUNAS de PRÂKRITI.

PURUSHA é o aspecto imutável de BRAM, que assegura a Identidade do Projeto Divino nas mutações da MATÉRIA.⁹ Quanto às GUNAS, constituem as três *qualidades da matéria* que integra o Universo - ou PRÂKRITI - que se combinam de forma desequilibrada na sua constituição mais elementar, permitindo, através desse desequilíbrio, conformar as suas manifestações involutivas e evolutivas, da mais sutil à mais densa e vice-versa. Denominam-se SÁTTWA (ritmo), RÂJAS (movimento) e TÂMAS (inércia).

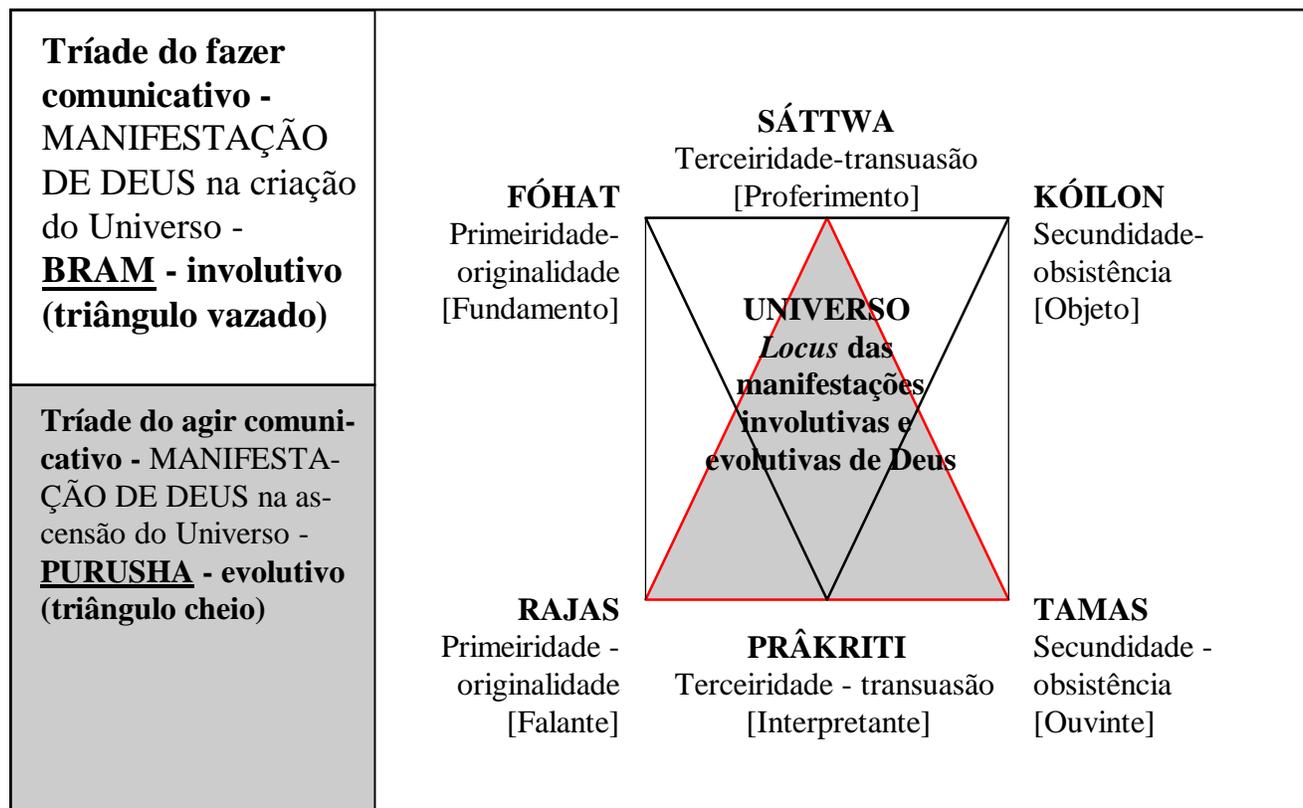
Diante dessas categorias da teogonia oriental, é possível identificar uma clara e inequívoca linha de convergência com o modelo paradigmático.

No diagrama do modelo paradigmático, torna-se possível explicitar, de uma forma muito expressiva, a essência da cosmogênese e da antropogênese orientais: BRAM em PRÂKRITI, é a expressão transuasiva mais densa de DEUS no UNIVERSO; PURUSHA em SATTWA é a expressão transuasiva mais sutil da CONSCIÊNCIA UNIVERSAL em DEUS.

O núcleo sgnico da Teogonia de Brahmam, com seus processos involutivos e evolutivos, converge no paradigma teórico da epistemologia de síntese - ou, melhor dito, em respeito às Hierarquias, esta converge Naquela. Desde a Sabedoria ancestral das categorias teológicas da filosofia hindu, é possível derivar o movimento dual do agir e do fazer comunicativos e da sua respectiva lógica triádica. [O **Quadro 39**, a seguir, permite visualizar esses conceitos, recolhidos na obra de Caio MIRANDA, no núcleo sgnico de uma epistemologia sintética da religião.]

⁹ “O aparecimento de Prâkriti, a matéria contingente, vibrátil, descontínua, que teve um princípio, que é mutável, evolutiva, que se movimentava, exigiu, para poder existir, o aparecimento do seu oposto - o incontingente, o imóvel, o contínuo, o eterno, o invariável, o permanente, o que não precisa evoluir porque já é perfeito - Deus novamente. Esse novo aspecto de BRAM toma o nome de PURUSHA ou ÁTMAM. (...) Existe, então um Purusha universal, justamente Aquêle que significa o oposto de Prâkriti, múltiplos Purushas encausados nas diversas modalidades de organismos materiais. Tanto o universal como os encerrados na matéria são da mesma natureza única. (...) Vemos assim que, embora todos os Purushas sejam da mesma natureza, estão restritos a exprimir-se segundo as possibilidades apresentadas pelos organismos por eles animados. Porém, desde que Purusha se encausa num organismo qualquer, passa a exercer neste uma ação que o impele a evoluir, à semelhança de uma força centrífuga que tende a expandir-se.” [MIRANDA, 1960:71-73]

Quadro 39 - TEOGONIA DE BRAHMAM - no núcleo sgnico do modelo paradigmático de uma epistemologia das religiões



Restam, ainda, por identificar outros elementos essenciais, para a configuração plena da teogonia ancestral do Oriente no paradigma epistemológico.

Em especial, será necessário identificar as correspondências conceituais dos CAMPOS DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER (ou modos de existência do Universo); das **funções sgnicas** do processo da auto-reflexão comunicativa, que integram os INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS e respectivas PRAXIOLOGIAS; e das suas **funções estruturantes** ou DIVISES ESTRUTURAIS DO SABER.

Para essas categorias, a TRADIÇÃO oriental nos oferece, através de Caio MIRANDA, conceitos que nos permitem um tentativo perscrutar de sentido. Uma primeira simbologia nos introduz os três aspectos da obra de Deus no Universo - ISHWARA, VISHNU e SHIVA:¹⁰

¹⁰ "Na belíssima simbologia oriental, Bram, o Logos nico, representado por meio de seus três aspectos. ISHWARA, o construtor, VISHNU, o conservador, e SHIVA, o destruidor. Na verdade o Terceiro Logos (primeira efusão), Ishwara, constrói o Universo, pois cria os átomos de que será ele constituído, mediante atuao de Fhat. Vishnu conserva esse Universo e o faz evolver, através da segunda efusão, que atua por meio de Prna. Finalmente Shiva, destrói a matéria, fazendo-a evolver até espiritualizar-se totalmente, o que representa a ao de Kundalini, a terceira efusão. Deus age, portanto, por meio de três aspectos bem distintos, que são as três energias atuantes no Universo manifestado. Primeiramente cria matéria. Depois encausa-se nessa matéria. Finalmente, desejando voltar a Si Mesmo, produz no íntimo de cada Ser a fôrça que o faz voltar à sua origem, que é o próprio Deus." [MIRANDA, 1960:137]

- [a] ISHWARA - o construtor - é responsável pela FUNDAÇÃO - **promove a fecundação** da ENERGIA criadora no ESPAÇO cósmico, viabilizando a expressão de Deus como ENERGIA-VIDA.
- [b] VISHNÚ - o conservador - **encausa o mundo** nos seus **ARQUÉTIPOS**, assegurando, assim, pela estabilidade [ainda que relativa, como tudo que está no Mundo] do seu projeto de Ser, a evolução das formas elementares em ENERGIA-CONSCIÊNCIA, numa permanente RE-CONSTRUÇÃO da Intenção Divina; e
- [c] SHIVA, **diviniza o mundo**, promovendo a ultrapassagem dos planos inferiores, pela ESPIRITUALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA até a percepção do seu **FUNDAMENTO**, pela evolução do Homem até seu reencontro com DEUS, nisso que promove, também, a destruição - ou despojamento - dos elementos que lhe sejam densos, erráticos e contingentes.

A visão orientalista de ISHWARA, VISHNÚ e SHIVA, é seqüencial; correspondem essas divindades à **Primeira, Segunda e Terceira emanções do Lógos** - representando, assim, **momentos estruturados da criação**. Bem óbvio, no entretanto, que a diversidade dos estágios evolutivos da ESTRUTURA DA MATÉRIA, num mesmo TEMPO, nos permite transcender essa concepção, ainda linear da evolução Universal, e perceber que esses três processos são contemporâneos e se complementam mutuamente.

Nessa perspectiva, será necessário distinguir: de um lado, **os estados, ou modos de ser, assumidos pela Obra de Deus - como Suas Efusões** - no Universo; e, de outro, o **sentido como finalidade substantiva de cada uma dessas manifestações**, que a teogonia de BRAHMAM identifica nas divindades arcanas de ISHWARA, VISHNÚ e SHIVA.

Avançamos, neste sentido, a elaboração das noções arcanas da filosofia religiosa hindu na percepção de uma diferenciação conceitual entre:

- [a] as três EFUSÕES DO LÓGOS, como CAMPOS DE MANIFESTAÇÃO-ESTRUTURAÇÃO do Absoluto - três estados ou modos de Ser da Obra de Deus no Universo; e
- [b] os três INTERESSES ARCANOS, que asseguram a conformação destes estados ou modos de ser do Universo, disciplinando a sua coexistência e interação necessárias, para que o PLANO DIVINO se cumpra..

Visualizamos nesta especificação - dos três aspectos de BRAM, como Universo em movimento BRAM, e das três funções arcanas e imutáveis, asseguradas por PURUSHA - uma **correspondência estrita da teogonia hindu, com os conceitos sintéticos** dos três CAMPOS DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER e dos três INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS, que conformam as condições materiais e asseguram os requisitos funcionais ao processo comunicativo no núcleo sígnico da epistemologia de síntese.

A própria noção epistemológica da AUTO-REFLEXÃO COMUNICATIVA, tomada no sentido religioso, como a AUTO-REFLEXÃO UNIVERSAL DE DEUS - constitui-se na concepção contemporânea e laica, que mais se aproxima da figuração oriental do sentido do Universo - como expressão da tensão triádica de BRAM-PURUSHA - um diálogo do VERBO EM MANIFESTAÇÃO com o VERBO MANIFESTADO.

Mas, precisamos avançar, ainda, um pouco mais, na completação do nosso intento. Para a consciência do Homem encontrar a Deus, a filosofia religiosa oriental nos apresenta **três caminhos - ou métodos - que correspondem às três PRAXIOLOGIAS** do nosso modelo sintético: JNANA-YOGA, **o caminho**

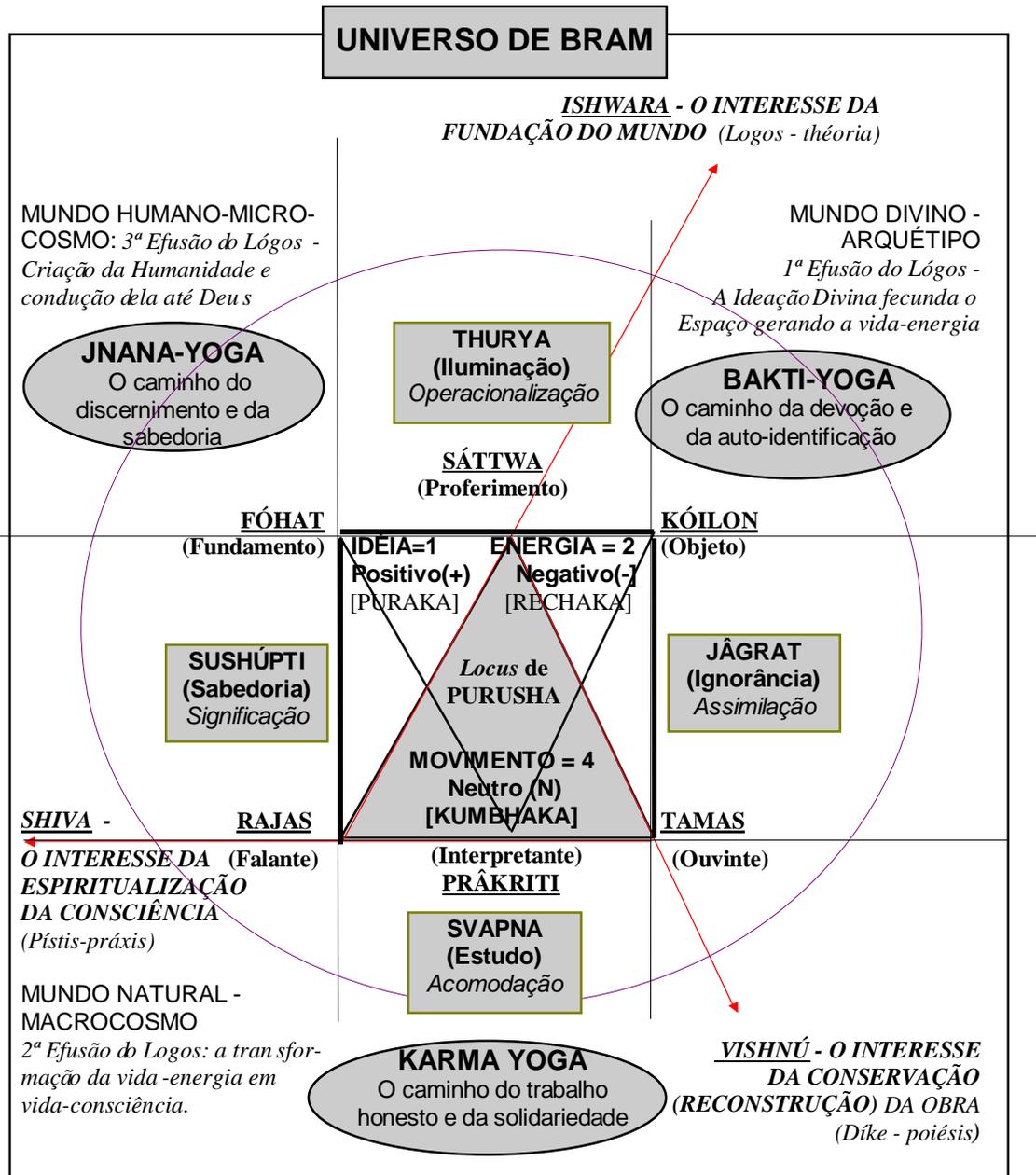
do discernimento e da sabedoria; BAKTI-YOGA, o caminho da devoção e auto-identificação com Deus; e KARMA-YOGA, o caminho do trabalho honesto e da solidariedade com os semelhantes.

Na filosofia hindu, o processo do Retorno de PRÁKRITI em BRAM, da MATÉRIA no ESPÍRITO, do DEUS FILHO no DEUS PAI-MÃE, encontra a sua expressão, mais pertinente ao nosso horizonte de entendimento e contemporânea ao futuro descortinável, nos prospectos da evolução do HOMEM, como autoconsciência do Universo em evolução. Nessa perspectiva, a obra de Caio MIRANDA nos introduz à representação conceitual dos quatro estados dessa consciência - JÂGRAT, SVAPNA e SUSHUPTI -, que vêm a corresponder aos três momentos evolutivos do Ser Humano, e a mais um quarto estágio, que representa a sua Iniciação num nível superior da evolução - THURYA, ou o Adeptado.¹¹

Assim que, na mesma linha de correspondências que vimos elaborando, identificamos agora as categorias epistemológicas que integram a teoria dos estádios evolutivos da estrutura cognitiva: ASSIMILAÇÃO como JÂGRAT - ou ignorância; ACOMODAÇÃO como SVAPNA - ou estudo; SIGNIFICAÇÃO como SUSHÚPTI - ou sabedoria; e, FORMALIZAÇÃO como THURYA - ou iluminação. [A disposição dos conceitos até aqui referidos, no modelo paradigmático da epistemologia de síntese, pode ser visualizada no **Quadro 40**].

¹¹ “O Yoga, em seu natural e gradativo desenvolvimento, pode trazer ao homem a conquista desses estados. Eles significam a aplicação do Homem Real nos três veículos de expressão do Jivatmam, conhecidos como Stulo-Upadi (corpo físico), Suckshumo-Upadi (alma ou psique) e Karano-Upadi (espírito, corpo causal ou tríade superior), resultando daí as três naturezas do **Eu** a que já nos referimos anteriormente e que são: **eu inferior, eu normal e Ego**. Tais estados da consciência denominam-se em sânscrito de JÂGRAT, SVAPNA e SUSHÚPTI, respectivamente, e correspondem aos estados mentais de ignorância, estudo e sabedoria. Para o estado de consciência cósmica ou cóstica reserva-se o nome de THURYA, que significa iluminação ou espiritualidade completa. É o estado correspondente ao Jivatmam repousado em si mesmo, sem aplicar-se nos veículos humanos.” [MIRANDA, 1960:174].

Quadro 40 - Teogonia de BRAHMAM no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.



Não enfrentamos, ainda, o último e definitivo desafio à compreensividade do modelo paradigmático, proposto pela filosofia religiosa do Oriente. Trata-se, mesmo, de uma questão emergente na epistemologia de síntese, que ressalta na sua aplicação ao entendimento do Saber religioso. Tematizamos, aqui, o enquadramento teórico do **SETENÁRIO** e as suas repercussões sobre a teoria da comunicação e da sociedade.

Se há dois números que são constantes, na teogonia das religiões profundas, são estes o **três** e o **sete** - a TRINDADE e o SETENÁRIO.

O três tem sido exaustivamente trabalhado em nosso modelo. É a base da compreensão triádica do signo. Multiplicado pelo princípio binário universal, compõe a dialética triádica do núcleo sígnico. Mas, de

duas vezes três, não se deriva o sete - a menos que lhe somemos ao resultado um número inteiro, para representar a TOTALIDADE. Essa, no entanto, é apenas uma derivação abstrata, que joga para o interior do estado de equilíbrio, representado pela interpenetração da dupla tríade, e das forças cósmicas que a integram [=6], a figuração numérica do Único, do Absoluto de Deus [=1].

Em que pese constituir-se, essa fórmula [6+1], a base de uma abordagem esotérica que ressalta o reflexo de Deus (=1) na sua Obra (=6), ela desfigura as questões mais substantivas, que a visualização do SETENÁRIO desvenda na tradição das religiões profundas: a estruturação e as funções dos princípios atuantes no Universo - que se designam como os sete Raios de FÓHAT - ou seja, das sete vibrações [TAMMATRAS e TATWAS] do Ser-Uno-Se-Manifestando - forças elementares vibratórias e ondulatórias que, interpenetrando o Espaço Virginal [KÓILON], originam os sete planos da MATÉRIA UNIVERSAL.

No que respeita à estruturação dos princípios atuantes no Universo, o sete nos dá uma chave substantiva importante para designar os campos do positivo-neutro-negativo, no próprio núcleo da dialética triádica. A fórmula [1-4-2] e sua correspondência conceitual como IDÉIA-MOVIMENTO-ENERGIA, traduz o processo da gênese nos seguintes termos: BRAM, o Ser Uno e Absoluto, se manifestando como IDEIAÇÃO DIVINA = 1, dá lugar ao surgimento do *princípio binário universal* - ou *duplo gerante* = 2 - criando e exteriorizando-se, como ENERGIA CRIADORA (Fóhat) que interpenetra o Espaço CÓSMICO (Kóilon). Essa Conjunção Divina - da UNIDADE no DUPLO-GERANTE, da **IDÉIA=1** na **ENERGIA=2**, se realiza numa terceira manifestação de Si Mesmo, tão simultânea, quanto conseqüente, que se expressa nos diferentes estádios de PRÂKRITI como AUTOCONSCIÊNCIA de todo esse processo, dando lugar ao **MOVIMENTO=4** de JÂGRAT (ignorância), SVAPNA (estudo), SUSHÚPTI (sabedoria) e THURYA (iluminação ou transcendência).

Traduzindo essa dinâmica, na lógica de PEIRCE, identificamos o sentido da **fórmula [1-4-2]**, quando a ORIGINALIDADE ABSOLUTA=1, que se define como PRIMEIRIDADE, defronta-se com a ambigüidade da forma e do conteúdo, do meio e do fim, que lhe oferece OBSISTÊNCIA=2, definindo-se esta como SECUNDIDADE; e, sendo triádico, esse processo é mediado pela TRANSUASÃO que, aqui, revela o 4 - como o MOVIMENTO de quatro tempos que realiza o sentido na parturição do SIGNO-UNIVERSO.

Visto que a TRANSUASÃO=4, é uma categoria de **mediação** entre a ORIGINALIDADE=1 e sua OBSISTÊNCIA=2, a fórmula sagrada da estrutura sîgnica da COSMOGÊNESE [1-4-2] resulta clarificada. E com ela, também, o ritmo do GRANDE e do PEQUENO ALENTO, que se reproduz na fórmula respiratória do PRANAYANA [puraka ou inspiração = 1; kumbhaka ou retenção = 4; rechaka ou expiração = 2], tudo conforme o ensinamento ancestral do versículo hermético:

*“142 é o número sagrado
porque soma o mistério do 7.
Para que isso se realize
o Prâna entra pela Lua
no tempo em que floresce
o lótó dourado de Buda.
Permanece na região sagrada
quatro vêzes mais
e sai pelo Sol
ostentando duas flôres.
O resto é ao contrário”.*
[apud MIRANDA, 1960:53]

A tradução desse versículo oculto é acessível pelo conhecimento das seguintes chaves: [a] o primeiro movimento da respiração - **inspiração** - deve entrar pela narina esquerda, que é lunar; [b] o **tempo dessa inspiração é de oito batidas de coração** - porque o loto dourado de Buda, é o chackra Vibutti, que tem oito pétalas douradas; [c] o segundo movimento da respiração - **retenção** - multiplica esse número por 4, **é portanto 32**; [d] o terceiro movimento da respiração - **expiração** - deve sair pela narina direita, que é solar; [e] o tempo dessa expiração é igual ao valor de duas flores, **dois lotos, ou 16** batidas de coração; [f] dividindo esses valores de 8-32-16, pelo seu máximo múltiplo comum, oito, encontra-se o número sagrado 1-4-2.

Mas não fica, apenas na sua denotação da natureza estrutural do núcleo sgnico da Teogonia Oriental, a importância do SETENÁRIO. Em todas as religiões profundas da antiguidade e nas tradições mais esotéricas do próprio cristianismo [veja-se, a esse respeito, o texto bíblico do APOCALIPSE de São João], sete são os corpos do Homem, sete são os planos da Matéria e sete são as suas vibrações e ondulações.¹² O simbolismo do número 7, tem sido sustentado, nas mais variadas formas e expressões pela Tradição das religiões profundas e se insere no cotidiano da vida, designando o ritmo do tempo e o modo de sua expressão.¹³

Nas Tradição da filosofia religiosa hindu, que vimos trabalhando, e em consonância com o modelo paradigmático, o 7 pode ser, propriamente, decomposto num 3 e num 4, assim compreendidos: 3 para caracterizar os planos mais sutis da matéria - e assim as vibrações mais nucleares, que atuam nas linhas de força do núcleo sgnico [os TATWAS: Ady, Anupadaka e Akasha]; e, 4 para designar os planos e vibrações mais densas e mais exteriores ao núcleo sgnico que designa o processo da autoconsciência reflexiva na cosmogênese [os TATWAS: Tejas, Vaiu, Apas e Pritivi].

Na epistemologia de síntese, por sua vez, essa compreensão ancestral da estrutura vibratória do Universo, é resgatada pela identificação das 3 **funções sgnicas** e das 4 **funções estruturantes**, que atuam no núcleo sgnico: das primeiras derivam-se os 3 CAMPOS DE MANIFESTAÇÃO DO SABER, os 3 INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS e as 3 PRAXIOLOGIAS; das segundas derivam-se os 4 ESTÁDIOS na gênese das estruturas cognitivas e os 4 SABERES (ou 4 DIVISÕES ESTRUTURAIS DO SABER).

¹² Para fundamentar essa percepção e aprofundar-se uma reflexão da importância filosófico-religiosa do SETENÁRIO, remetemos o leitor às **Tabelas Anexas I e II**, ao final deste Capítulo, que reproduzem a síntese comparativa, da sua compreensão pelas religiões profundas, elaborada por Caio MIRANDA [1960:150/151].

¹³ “É o número de “expansão e centralização” da UNDADE. Todas as Escolas assim o consideram desde a antiguidade. Vejamos: as 7 forças fenomênicas, as 7 vogais, as 7 cores do espectro solar, as 7 notas musicais, os 7 Princípios do homem, os 7 dias de duração do dilúvio, as 7 Qualidades do Divino, os 7 dias da semana, as 7 Maravilhas do Mundo, os 7 Sábios da Grécia, os sete Pães do cesto de Cristo, os 7 passos mais penosos de Jesus, as 7 palavras pronunciadas no alto da cruz, os 7 pedidos do Pai-Nosso, as 7 cabeças da Hidra de Lerna, as 7 válvulas abertas em nossa cabeça, os 7 Degraus Maçônicos, etc. No Apocalipse temos 7 Igrejas, 7 Espíritos, 7 Selos nos livros dos Profetas, 7 Anjos, 7 Trombetas, são 7 as Cabeças da Besta, 7 Candeeiros, 7 Lâmpadas, 7 Estrelas, e mais 7 em 7, são as fases crescentes e decrescentes do homem (da infância à velhice), pois o 7 é o número sagrado de todos os símbolos.

É composto do Ternário e do Quaternário (3 mais 4 igual a 7), e dessa reunião sai a Síntese Universal ou as Variantes da Unidade e constitui o Sagrado Setenário. É o único número da década que não é gerador nem gerado.” [MATTA E SILVA, 1992:58-59]

Na Tradição da filosofia religiosa hindu, que estamos analisando, essas 7 linhas de força são emanações do ÚNICO que, através da efusão da ENERGIA CRIADORA [Fóhat], no núcleo sîgnico da cosmogênese, realiza a FECUNDAÇÃO do Espaço Virginal [KÓILON].

Essa Energia Criadora [Fóhat], originariamente, como Idéia Pura, é Una, Centralizada e, portanto, Indivisa, mas, em sua penetração no Espaço Virginal [Kóilon], por força da obsistência que Este lhe oferece, sofre um efeito prismático, disso resultando a sua Divisão - o MÚLTIPLO - disso resultando:

- [a] a efusão dos **7 RAIOS DE FÓHAT**, que atuam no **INTERESSE DE ISWARA**, promovendo a expansão da Centelha Divina no Universo - através dos processos involutivos da MATÉRIA [PRÂKRITI], e em todos os seus 7 Planos;
- [b] a efusão das **7 VIBRAÇÕES DO PRÂNA**, a *energia essencial do Universo*, que atua no **INTERESSE DE VISHNÚ**; e,
- [c] a efusão das **7 VIBRAÇÕES DE KUNDALINI**, a energia transcendental do Universo, que atua no **INTERESSE DE SHIVA**.

No modelo paradigmático da epistemologia de síntese, a figuração específica dessas sete linhas de força que atuam no Universo, constitui, dessarte, a **dialética subtriádica** dos respectivos INTERESSES cosmogénéticos.

Assim como a epistemologia de síntese nos permitiu formalizar os três enfoques estruturais do modelo paradigmático da ciência política; enquanto epistemologia especial, aplicada ao estudo do SABER RELIGIOSO, nos permite, também, visualizar na concertação da Obra Divina - como se foram três enfoques estruturais da sua contemplação - as três dimensões da força atuantes nos planos da MATÉRIA, até onde abarca a nossa consciência e capacidade de entendimento: a **Energia fecundante ou descendente** - (o princípio Duplo-gerante ou Binário-universal Fóhat-Kóilon) que a tradição aponta como sendo solar, a **energia em equilíbrio evolutivo** no Universo (Prâna) que assim será lunar, e a **energia ascendente** (Kundalini) que resta sendo telúrica - cada uma dessas, em suas sete manifestações vibratórias.¹⁴

Constitui-se a Energia fecundante no **pólo positivo**, gerador da MATÉRIA, responsável pelos seus processos involutivos, cujo ponto de inflexão é expresso pela densificação da CONSCIÊNCIA CÓSMICA, em auto-expressão no HOMEM [como o FILHO que expressa a Imagem e Semelhança de DEUS PAI-MÃE], *locus* da auto-reflexão da MATÉRIA.

Até que os processos involutivos se cumprissem, e que essa CONSCIÊNCIA-HUMANIDADE fosse capaz de assumir a sua própria capacidade auto-reflexiva, que lhe assegura a sua condição própria - como protagonista do processo ascendente da evolução cósmica - a comunicação divina sempre aconteceu entre o **Deus Indiferenciado e a Humanidade-sendo-plasmada** - como mera percepção da Centelha Di-

¹⁴ “Vemos, então, que o Logos atua mediante três modos de ação fundametais, Para formar a vida-energia, age por meio de Fóhat. Para transformar essa vida em vida-consciência, o faz por intermédio de Prâna. Finalmente, para que a vida-consciência evolva até a divindade, atua por meio de Kundalino. Qualquer dessas energias fundamentais, são sempre setenamente divididas. Fóhat diversifica-se em sete Raios formadores dos sete planos de Prâkriti. Prâna encontra-se, em cada plano, como a energia de vida dêsse plano, com sete espécies. Kundalini também é setenal, não comportando esse despretençioso volume o estudo de suas sete modalidades. Bastará dizer que, quando nos dispusermos a ser ‘mais do que homens’, é ainda através de Kundalini que obteremos a vitória.” [MIRANDA, 1960:136/137]

vina - da Autoridade de Deus - e como conformação conseqüente do Homem à determinação Absoluta dos Seus desígnios.

Daí porque, a Tradição exotérica - e, por isso mesmo menos reflexiva - do Saber religioso, enfatizou primitivamente a contemplação do Deus Uno, do Absoluto, como Princípio Indiferenciado, Onipotente e Onipresente. Porque, também, nessa linha de conseqüência a experiência da comunicação religiosa foi drasticamente simplificada nas opções da submissão... ou da rebeldia, que encontram a sua expressão prática no princípio maniqueísta da luta entre o bem e o mal.

Esotericamente, no entanto, as religiões profundas, sempre conheceram a expressão múltipla do **Deus-em-manifestação** e do Seu interesse diferenciado, em cada momento e instância da realização do Plano Universal. Os mistérios do SETENÁRIO e da TRINDADE ocultam essa compreensão. Na filosofia religiosa do Oriente, o desvelamento desses mistérios aprofundou a identificação das **7** formas, sob que se manifesta a **Energia essencial** [do Prâna]: TANMÂTRAS e TATTWAS são os conceitos que trabalham esse significado, sendo que o primeiro designa o movimento vibratório das partículas *ultérrimas* do átomo, e o segundo a sua expressão ondulatória.¹⁵

Os sete TATTWAS reconhecidos nessa Tradição estão associados aos sete estados da MATÉRIA, do mais sutil ao mais denso, denominando-se, respectivamente: ADY, ANUPÁDAKA, AKÁSHA, VAYÚ, TÉJAS, APAS e PRÍTIVI. O mais relevante é que, assim explicitado, o SETENÁRIO é inclusivo do TERNÁRIO e do QUATERNÁRIO, cujas “qualidades” vibratórias são manifestadas, numa divisão nítida - entre os **3** Tattwas mais sutis, e os **4** Tattwas mais densos - conforme sua emergência e participação na conformação dos **7** planos da MATÉRIA. Assim, o sétimo plano superior [Maha-para-nirvânico] é integrado, apenas, pelo Tattwa ADY; no sexto emerge o Tattwa ANUPÁDAKA; e, assim, sucessivamente, até que no plano mais denso [Físico] estão representados todos os **7** Tattwas.

Refere a Tradição que o trabalho dos **7 Raios**, é supervisionado por seres de elevada evolução espiritual, que os tornam intérpretes próximos da Consciência Universal de Deus, correspondendo-lhes, portanto, a gestão do movimento dos TANMATRAS e TATTWAS, e assim das qualidades da Consciência que eles viabilizam. Quando a Idéia Pura de Deus, como Energia criadora, sofre o efeito prismático de sua penetração no Espaço Virginal, dando origem aos **7 RAIOS DE FÓHAT**, especializam-se também, os **7** Níveis da Ideação ou da Consciência Cósmica que lhes correspondem. É o momento da **entificação** do processo de comunicação religiosa, daí surgindo toda uma série de identificações e analogias para a caracterização dos **Regentes** da Obra de Deus no Universo: isso mesmo, que está na origem das teogonias míticas da antigüidade e da própria ASTROLOGIA como SABER ancestral.

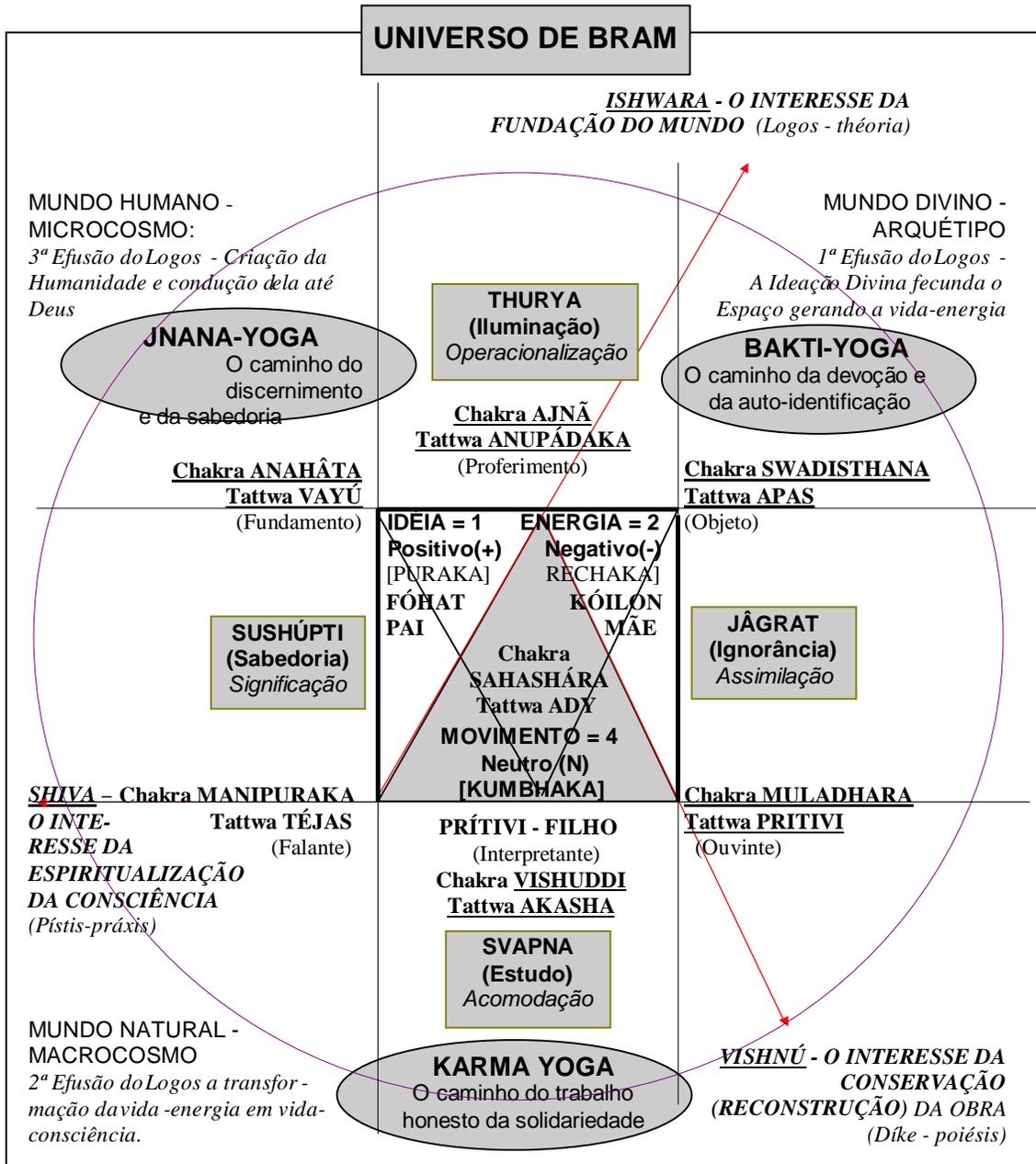
Não se pretende aprofundar, nesse texto, o desdobramento desses conceitos no próprio desenvolvimento e prática das religiões profundas - isso que ultrapassaria os limites de uma abordagem epistemológica, para recair numa investigação de tipo teúrgico ou teológico. Nosso interesse é, tão simplesmente, assinalar a compatibilidade do modelo paradigmático na representação dessa visão de mundo.

O **Quadro 41**, a seguir, sintetiza essa pretensão, na figuração paradigmática do processo de constituição do HOMEM, como miniatura do UNIVERSO, identificando, através dos seus sete chakras, as por-

¹⁵ Para ilustrar, muito concretamente o conteúdo de SABER, que tantas vezes tem sido recusado às tradições religiosas, bastaria referir que esses conceitos, de alguma forma, antecipam em alguns milhares de anos, o *princípio da incerteza* de Heisenberg e os desenvolvimentos de ponta que as “ciências exatas” apresentam na contemporânea física quântica.

tas de comunicação por onde penetram e são processadas as energias cósmicas de FÓHAT, PRANA e KUNDALINI.

Quadro 41 - O SETENÁRIO DOS CHAKRAS E TATTWAS na TEOGONIA DE BRAHMAM - conforme o modelo paradigmático da epistemologia de síntese.



Avançaremos agora uma reflexão, que pretende avaliar a capacidade explicativa do modelo paradigmático da epistemologia de síntese, na compreensão dos aspectos essenciais da Tradição bíblica, hebraico-cristã.

Tomemos, como ponto de partida a fórmula consagrada por João Evangelista, ao anunciar a EXISTÊNCIA DO CRISTO: “*No Princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*”. [EVANGELHO SEGUNDO JOÃO, Cap.1, V.1].

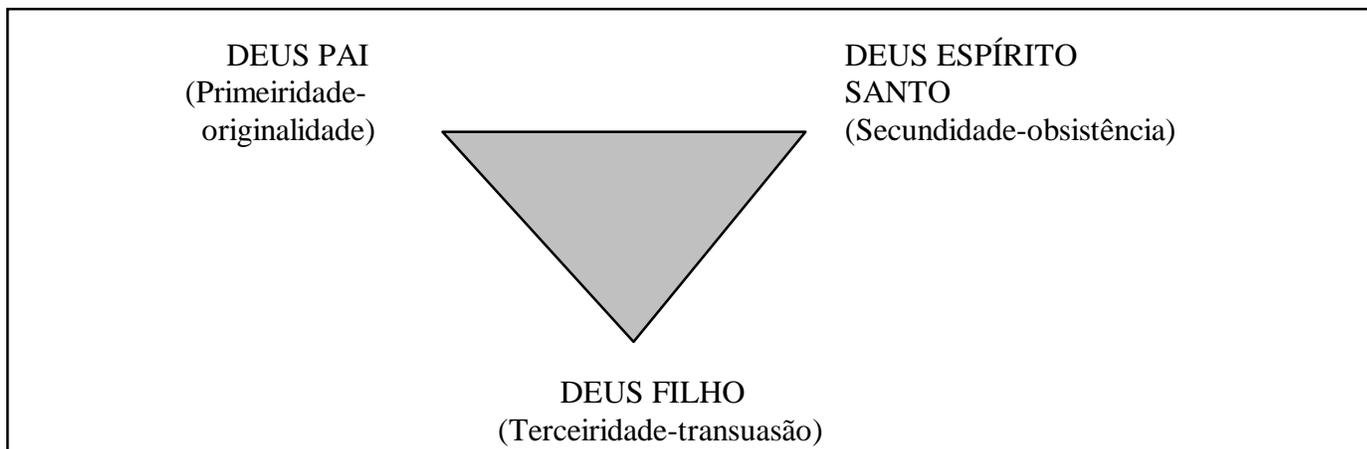
Essa fórmula é ternária, velando três estados do Verbo - o FILHO DE DEUS, junto ao PAI: sua **Realidade coeterna**, sua **Co-Existência junto a Deus** e sua **Própria Divindade**.

É assim, então, que, na Tradição hebraico-cristã, Deus Pai - Uno e Absoluto - desde o princípio dos tempos É, também, o Seu próprio o Verbo. E o Verbo está com Deus - porque o Verbo é o Proferimento de um Signo, cuja EXPRESSÃO TRIÁDICA, é também, coeterna de Deus.

É dessa linha de raciocínio que a TRADIÇÃO cristã deriva o seu dogma fundamental, concluindo que, o **Verbo é o Signo**, e que o Signo é a TRINDADE de Deus - o mistério de Três Pessoas em um só Deus.

É esse o dogma, que a epistemologia da religião clarifica no próprio conceito da tríade súnica, como vai figurado no diagrama da **Quadro 42**.

Quadro 42: O dogma da TRINDADE na Tradição cristã.



O **Signo**, aqui, é visualizado como uma **Totalidade Una de sentido**, que estaria **Todo jogado na expressão da Sua própria Tríade**, a qual por sua vez se realiza como PRIMEIRIDADE, SECUNDIDADE e TERCEIRIDADE.

Essa caracterização da TRINDADE súnica é, no entanto, enquanto mera enunciação dos atributos da Divindade, uma formulação abstrata, que a Deus mesmo não realizaria o Próprio sentido de Ser. Eis que a concepção do signo, de per si, é vazia de sentido, se não refere uma base para o entendimento concreto, substantivo, que se expressa epistemologicamente nas categorias do **fazer** e do **agir comunicativos**.

Assim, também, o mistério de DEUS TRINO, seria um vazio de sentido, se não Lhe referisse o entendimento concreto, substantivo, do Seu FAZER e AGIR comunicativos, estabelecendo-se, assim, o diálogo do Verbo consigo mesmo; isso que, no entanto, implica, também e paralelamente, a Expressão do Verbo para fora de Si mesmo.

De acordo com essa fonte da Tradição, no princípio sendo o Verbo, Ele era também uma ALTERIDADE - estava Deus em diálogo... ainda que o fosse consigo mesmo!

Esse conceito, desde logo, contradiz a idéia de um momento primordial de Deus Imanifestado [Para-Bram], que preside a Teogonia da filosofia religiosa Oriental.

A cosmovisão hebraico-cristã denuncia, ao contrário da concepção Oriental, do Absoluto Inerte e assim Incognoscível, a existência originária de uma **alteridade de Deus, em Deus, que é da sua própria Natureza Essencial.**

Porque o Verbo, estando no **princípio**, e constituindo assim o **Proferimento-de-Deus-em-diálogo**, isso implica, no próprio cerne deste princípio, ainda em momento anterior à Cosmogênese, uma **alteridade intrínseca de Deus**, que sinaliza o **mistério da tríade sîgnica**.

É exatamente por isso que o dogma cristão **exclui da TRINDADE a figura da Virgem Maria Cós mica**. Porque o Espaço Virginal, que Maria representa, como realidade externa de Deus, não lhe pode configurar a Potência do Agir; pertence, sim, à Realidade do Fazer, que se pode propriamente designar como a Sua **Obra da Criação**.

Note-se, a partir daqui, uma convergência das duas TRADIÇÕES religiosas:

- [a] O Espaço Virginal - KÓILON - na filosofia religiosa hindu é uma das duas projeções de Bram - o Deus-em-manifestação - que se realiza em sua primeira efusão, já no processo da Criação do Mundo.
- [b] Também a Virgem Maria - seja como a EVA primordial, geradora da Consciência HUMANIDADE, no processo da ANTROPOGÊNESE, seja como a protagonista do episódio da ANUNCIACÃO - é personagem do Mundo de Deus que constitui o seu FAZER comunicativo...

Essa dimensão do ABSOLUTO - o Seu FAZER comunicativo - ganha significação no contexto do paradigma epistemológico. Pode-se compreender agora que, apesar de convergir na intenção do seu Próprio AGIR comunicativo, o FAZER de Deus lhe é *obliquo* - tem vida autônoma e paralela - trabalha com categorias que são distintas à sua Própria Potência de Agir - e portanto de Ser. O FAZER de Deus trabalha, então com realidades que podem ser-Lhe extrínsecas, embora coexistentes e coeternas no Espaço da Sua Intervenção.

No modelo paradigmático, a engrenagem do FAZER ganha existência própria e se articula, dialéticamente, com a dinâmica do AGIR, não lhe correspondendo, portanto, como um simples espelho, não o reproduzindo, portanto, como a simples MANIFESTACÃO do sentido do AGIR para Si mesmo; os dois lados da moeda do AGIR e do FAZER comunicativos, representam os dois lados da Morada do Pai, onde se estende a Sua Onipresença, mas como ALTERIDADES de Si Mesmo.

Exatamente aqui, ao mencionar a representação da Mãe primordial, na Tradição hebraico-cristã: Eva-Maria [que se reverencia hoje na expressão inversa da Ave Maria], cabe lembrar, também, um segundo ponto de convergência das duas Tradições religiosas: que, em ambas, o tema da COSMOGÊNESE se resolve na ANTROPOGÊNESE: seqüência da Criação do MUNDO é a Criação do HOMEM e, afinal, a Redenção da sua ALMA (ESPÍRITO).

Três personagens encenam a parte final desse drama no Antigo Testamento: ADÃO, EVA e EMANUEL - o Messias. Três personagens, que se reproduzem no Novo Testamento, como o Espírito Santo, a Virgem Maria e o Cristo Jesus.

Diz o Gênesis que, no sexto dia da Criação, depois de ter construído todo o cenário do Mundo, tomando do barro e moldando-lhe a forma, à sua imagem e semelhança, e soprando-lhe nas narinas a Energia Vital, Deus criou ADÃO; e depois, tomando de sua costela, Deus moldou-lhe uma companheira, que tomou o nome de EVA.

A ANTROPOGÊNESE conduz, assim, ao seu termo, o PLANO DA CRIAÇÃO; mas o resolve, dando início a um outro processo, tão ou mais dramático, que se pode denominar como o PLANO DO CONHECIMENTO.

De fato, a alegoria da expulsão de ADÃO e EVA do Paraíso é, explicitamente, um **mito epistêmico**. Comeram da “árvore do conhecimento do bem e do mal” - implicitamente, numa condição ingênua, sem estarem iniciados para assumir a responsabilidade do poder, que se lhes tornou acessível.

Tornou-se previsível que, assim também, desrespeitando a ORDEM e o PLANO da sua evolução, viessem a comer prematuramente, da “árvore da vida”, introduzindo na eternidade o desequilíbrio da sua incompletude - significando isso a eternização do conflito, do antagonismo, do maniqueísmo, da visão dualista do mundo, da alternância entre a alegria e o sofrimento, entre a felicidade e a dor, que nos acede o conhecimento do bem e do mal e o poder da sua experiência.

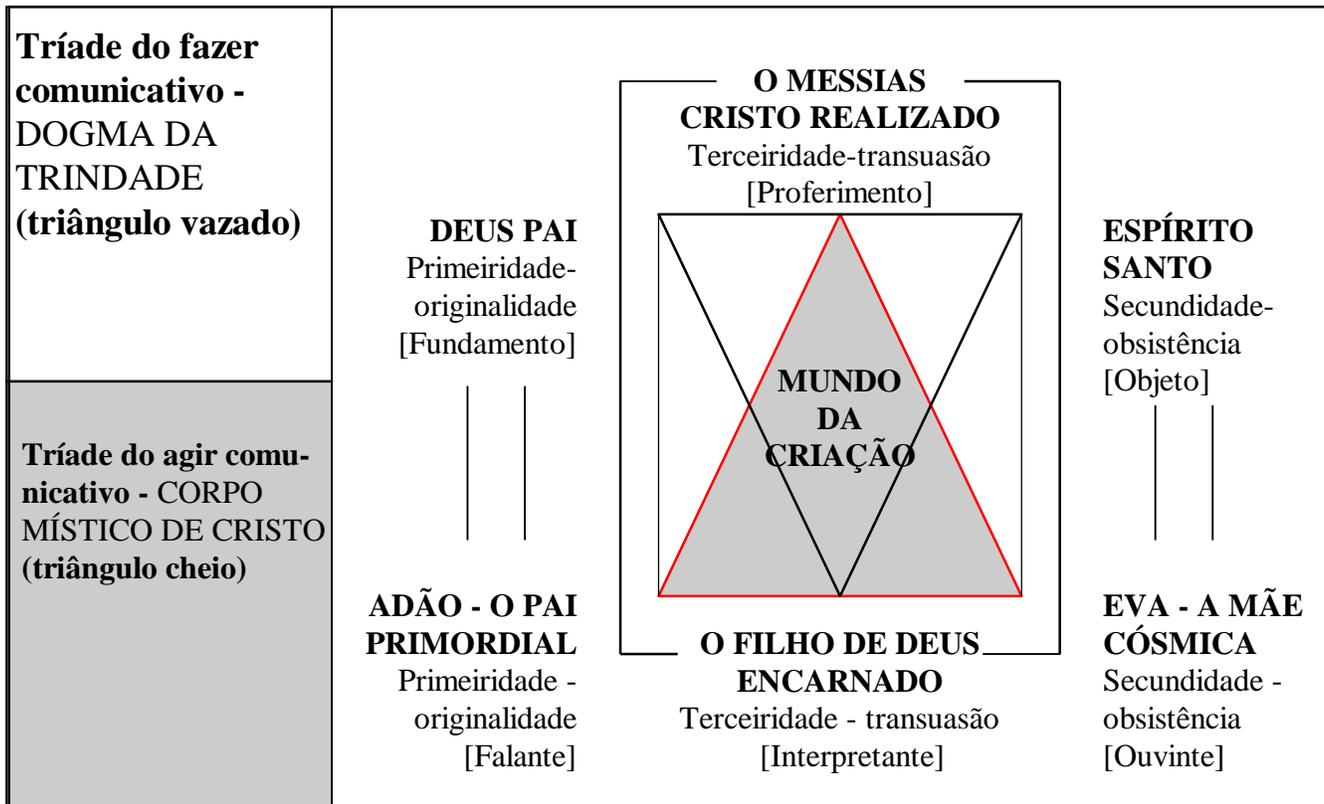
De sorte que o Senhor, a bem de evitá-lo, cerrou à Humanidade o acesso aos Jardins do Éden.¹⁶ Mas não em definitivo... eis que se trata de uma condição que os Espíritos - que tiverem trilhado o caminho do desenvolvimento haverão de aceder, para a maior Glória de Deus que é a realização plena do seu Amor - sentimento que só pode medrar na sua Plenitude Divina, na ALTERIDADE da sua Própria Imagem e Semelhança. E no testemunho dessa Promessa, a Tradição refere a vinda do MESSIAS, que o profeta chamou de Emanuel [Deus conosco], e que, passadas 6 vezes 7 gerações,¹⁷ encarnou no CRISTO JESUS.

¹⁶ “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tem tornado como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não suceda que estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O Senhor, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.” [GÊNESIS, C. 3, Vs. 22-24] Essa justificativa, tão razoável e profunda, quanto a maior parte das vezes desconhecida nas representações vulgares da alegoria bíblica, que enfatizam a cólera de Deus e se detém no pecado original de Adão e Eva, nos faz refletir com profundidade sobre o estágio atual do nosso desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse tempo, cujo desafio, a crise epistemológica nos permite compreender, como sendo o excesso de realização da nossa capacidade de controle e dominação na face da Terra, quando ainda nos encontramos moral e politicamente imaturos para o exercício deste poder, a HUMANIDADE, de novo e perigosamente, aproxima-se dos controles que podem, definitivamente, balançar o equilíbrio da VIDA, no Universo que compreende o nosso campo de evolução. Meditar sobre a alegoria de Adão e Eva neste contexto, é instrutivo e pode vir a ser providencial...

¹⁷ De sorte que todas as gerações desde Abraão até Davi são catorze gerações; e desde Davi até a deportação para a Babilônia, catorze gerações; e desde a deportação para a Babilônia até o Cristo, catorze gerações... [O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS, C.1, V. 17]. Expressão hermética que designa o amadurecimento do tempo, para a primeira vinda do MESSIAS: o cumprimento da metade de um ciclo do zodíaco, representado pelo número 12 [deduzido na fórmula (3 x 14 = 6 x 7) utilizada para a enumeração das gerações]; de tal sorte que o Espírito experienciase, em cada uma das suas seis casas, os sete Raios da Energia Criadora e as sete condições vibratórias da Matéria, que haveriam de engendrar o advento do Homem-DEUS, que sinaliza o ponto de inflexão no processo involutivo da Consciência-Humanidade, a partir do qual serão percorridas

Na visão de Teilhard de Chardin¹⁸, essa Promessa da Redenção do Homem, aponta para a construção do CORPO MÍSTICO DO CRISTO - como a própria Humanidade que ascenderá, ao final dos tempos, à condição Crística, quer dizer, DIVINA. [Essa visão é esboçada no diagrama do **Quadro 43**.]

Quadro 43 - O dogma da TRINDADE e a teogonia do CORPO DE CRISTO - no núcleo sgnico da epistemologia das religiões.



Não há espaço nesse texto, para aprofundar a matéria teológica - tão somente nos cabe, no momento, apontar a convergência explícita do pensamento de Teilhard à concepção oriental da evolução da MATÉRIA em PRÂKRITI. Isso, que nos permite concluir essa incursão na alegoria de ADÃO e EVA, pela compreensão que ela sinaliza, mais do que um estigma, um caminho de RETORNO ao Paraíso, cuja con-

as outras seis casas zodiacais, que perfazem o caminho de retorno do Espírito à Casa do Pai, cumprindo-se então a senda evolutiva da Matéria.

¹⁸“O progresso da humanidade serve à edificação do Corpo de Cristo. Tal a tese que dinamiza a espiritualidade de Teilhard. Para prevenir mal entendidos, formulemos desde já a mesma tese em termos contrários: somente o que serve para a edificação do Corpo de Cristo pode ter valor de verdadeiro progresso humano. Esta afirmação principal já é surpreendente. O progresso humano, que abrange essencialmente a técnica, a economia, a ciência, não pertence aos valores profanos que costumamos distinguir cuidadosamente dos valores sobrenaturais que produzem a salvação? A argumentação de Teilhard é de uma simplicidade falaz. Todas as coisas existem para o homem e para a perfeição da vida humana. O próprio homem existe para a sua incorporação final em Cristo. Todas as coisas existem, portanto, para a sua incorporação final em Cristo. Todas as coisas, portanto, existem para a incorporação dos homens em Cristo, quer dizer para a construção do seu Corpo Místico. Em outros termos, o ato criador permanente pelo qual Deus dá o ser e a vida a todas as coisas não é outro senão o ato pelo qual ele edifica o Corpo de seu Filho. Pois o Pai cria tudo em si e para si, e tudo tem nêle seu fundamento. Nada, portanto, pode existir, nem coisa, nem obra, nem ação, que não contribua à sua maneira, para edificar êsse corpo, exceção feita do pecado, sujeito de outro modo ao mesmo fim” [SMULDERS, 1965:220]

dução e destino se confundem na “CRISTIFICAÇÃO” - na realização plena da ALTERIDADE de Deus, designada pelo conceito do Seu FILHO.

É nesse processo do AGIR COMUNICATIVO de Deus, como **Diferenciação de Si** mesmo, e do Seu FAZER COMUNICATIVO como **Exteriorização de Si** mesmo, que o Absoluto de Deus se deixa conhecer e, deixando-se conhecer - a alguém, que não é Ele mesmo - REALIZA o **sentido dialógico** da sua Totalidade Una. E isso tem relação com a Obra da Criação, como descrita no Livro do Gênesis, que tentaremos compreender, a seguir, no enfoque de uma epistemologia sintética da religião.

A COSMOGÊNESE na tradição bíblica é simbolizada como a realização da Obra de Deus em 7 dias - isso que, desde logo, manifesta o SETENÁRIO. O relato bíblico da Criação não especifica, entretanto, imediatamente, a TRINDADE e nem a QUATERNIDADE.

A alegoria do Livro do Gênesis, à primeira vista, é linear e seqüencial, além de hermética na sua referência ao encadeamento dos elementos e dos tempos da Criação. Uma interpretação, mais atenta e mais precisa, no entanto, dessa linearidade e seqüencialidade, e que desvele algumas chaves do seu hermetismo, identifica traços de uma TRADIÇÃO ancestral, que encontram no Gênesis, em aspectos essenciais, linhas de convergência [como esboçado no **Quadro 43**] na cosmovisão das religiões profundas.

Não caberia na pretensão deste texto, avançarmos uma exegese do relato bíblico; por isso lançamos mãos da interpretação bem estabelecida pela TRADIÇÃO da Cabala hebraica. O **Quadro 44**, a seguir, é a reprodução do conteúdo essencial da fórmula cabalística denominada a “ESCADA DE JACÓ” - ou a “ÁRVORE DA VIDA” - que representa as dez *Sephiroth* ou aspectos do mundo; permitindo representar, assim, também, o “plano” da Criação e o modo pelo qual ela se resolve - uma visão metafísica da alegoria bíblica.

Os *sephiroth* - na estrutura complexa da “ÁRVORE DA VIDA”, constituem um sistema, uma cadeia de causalidades interativas que, descendendo do Absoluto constituem o mundo concreto, até o último dos seus átomos - e que, por sua vez, numa direção contrária, estabelecem os caminhos, através dos quais, o mesmo último destes átomos, em desenvolvimentos crescentes de complexidade e consciência, poderá encontrar o Absoluto da sua própria origem.

A diferenciação dos seus três níveis triádicos conformam, no sistema sefirótico, **4 mundos** - aquém do propriamente Divino, onde reina em seus mistérios o Absoluto de Deus - respectivamente: Mundo de Eterna Emanação, Mundo de Criação Cósmica, Mundo Sutil de Formação e Mundo de Ação Natural (ou Manifestação). A diferenciação, por outro lado, dos sentidos **ativo**, **neutro** e **passivo**, das qualidades e aspectos que representam as *sephiroth*, corroborando nisso a **concepção triádica** que inspira a construção cabalística, identifica os fluxos ascendentes (por onde sobem os homens) e descendentes (por onde descem os anjos) da respectiva cadeia causal.

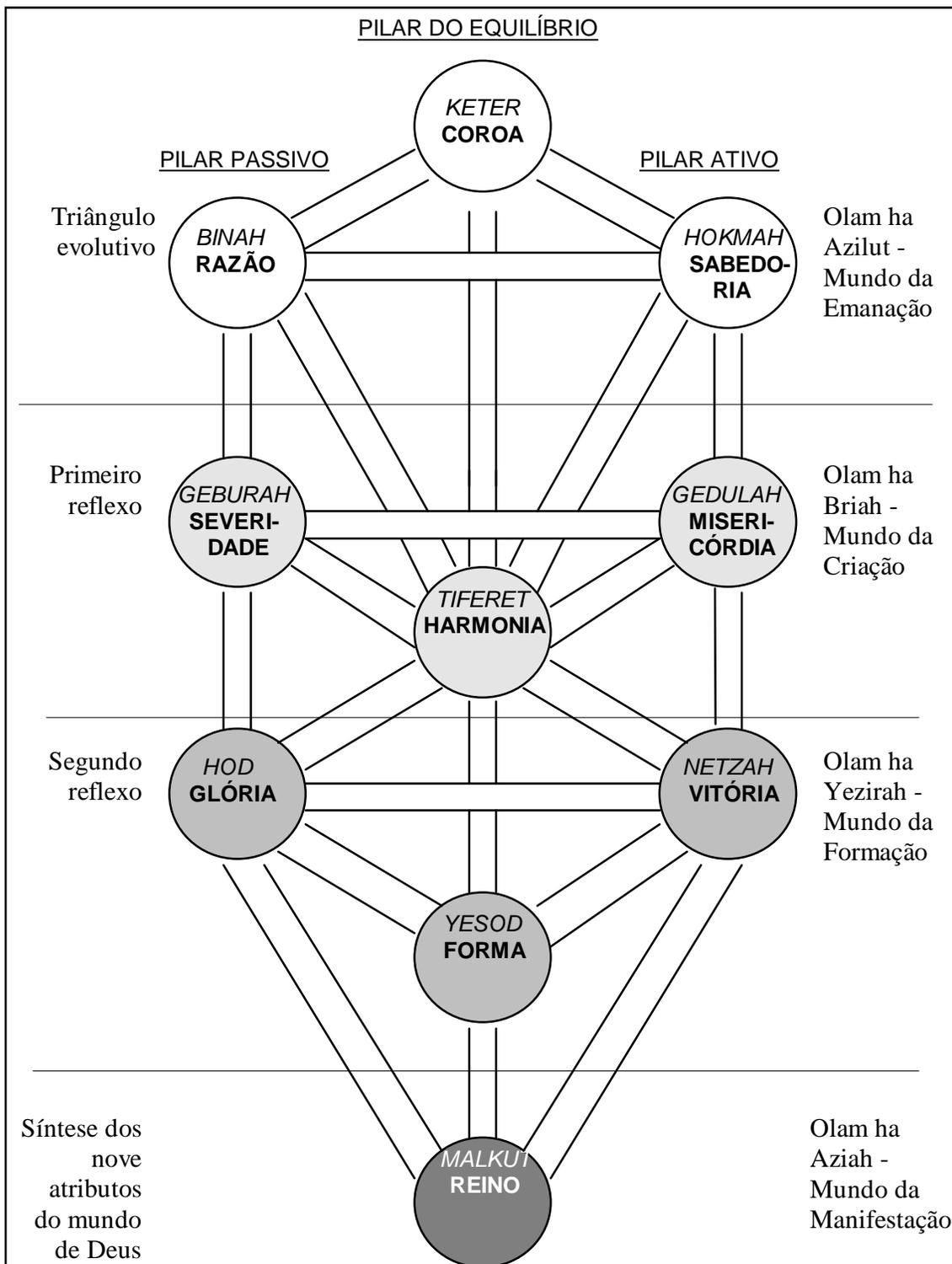
A meditação do sistema sefirótico levou a Tradição cabalística a elaborações de grande profundidade, sendo praticamente inesgotável o seu potencial heurístico. Inobstante, o sistema sefirótico apresenta a dificuldade de não permitir uma clara visualização da contemporaneidade interativa das categorias que o compõem. Da mesma forma, não permite uma clara visualização das suas implicações estruturais e funcionais em relação à Totalidade da Obra de Deus que figura.

No âmbito deste estudo, trataremos de investigar a possibilidade de se converterem as categorias do sistema sefirótico ao modelo paradigmático da epistemologia da religião. Longe de uma mera transposição de conceitos, de um esquema para o outro, interessa-nos aqui a exploração do potencial explicativo, que o modelo paradigmático possa agregar ao construto central da Tradição cabalística. Na perspectiva de uma resposta positiva, teremos enfrentado um teste de relevância crucial para o paradigma da epistemologia de síntese: sua correspondência e congruência com os desenvolvimentos de um Saber religioso, que se caracteriza pelo extremo rigor na exigência de precisão e consistência nas suas reflexões.

O sistema sefirótico, ao articular as **10** Qualidades de Deus, trabalha as **6** dimensões constitutivas da **Dupla-Tríade**, mais as **4** categorias que integram o **Quaternário dos Saberes** (Divisão Estrutural dos Saberes) na epistemologia de síntese.

Na “ÁRVORE DA VIDA”, no entanto, essas duas dimensões estruturais-funcionais da Totalidade da Obra de Deus estão implícitas, mas não resultam imediatamente identificáveis, eis que a linearidade do seu esquema de representação não contribui para a sua clarificação. [**Quadro 44**]

Quadro 44: “ÁRVORE DA VIDA” - Diagrama cabalístico das 10 qualidades de Deus ou dos 10 princípios básicos que regem a existência.



O esquema sefirótico identifica o processo descendente - ou involutivo - da constituição da matéria e da consciência, como o pilar passivo na “ÁRVORE DA VIDA”; e o processo ascendente - ou evolutivo - da espiritualização da matéria-consciente, como o seu pilar ativo. O processo, assim figurado é seqüencial e linear. A estrutura central do esquema sefirótico, nesse sentido, é, apenas um ponto de apoio ao equilíbrio

da **forma** e da **força**, da energia descendente e ascendente. Perde-se, aqui, uma percepção mais clara do entrelaçamento entre os diferentes planos da Obra, ou seja, entre as tríades que representam os diferentes Mundos - as quais significam, até pela disposição geométrica da base e do vértice dos seus triângulos, sub-totalidades sgnicas ou processos triádicos, articuladamente ascendentes e descendentes.

No **Quadro 45**, adiante, trabalhamos uma hipótese de conformação do sistema sefirótico à configuração do modelo sintético, que clarifica essas observações.

O modelo paradigmático, esboçado no **Quadro 45** avança, sobre o sistema sefirótico, em clarificação dos seguintes aspectos:

- [a] preserva, no núcleo sgnico, a identificação dos seus três pilares, ativo, neutro e passivo;
- [b] confere ao pilar do equilíbrio uma dignidade própria: a função de síntese ou transuasão, e a condição única de representar a expressão da particularidade em cada tríade;
- [c] permite a figuração do entrelaçamento entre os dois grandes movimentos da obra - representados pelos triângulos ascendente e descendente - que a TRADIÇÃO tem sintetizado na expressão do “*SOLVE et COAGULA*”.

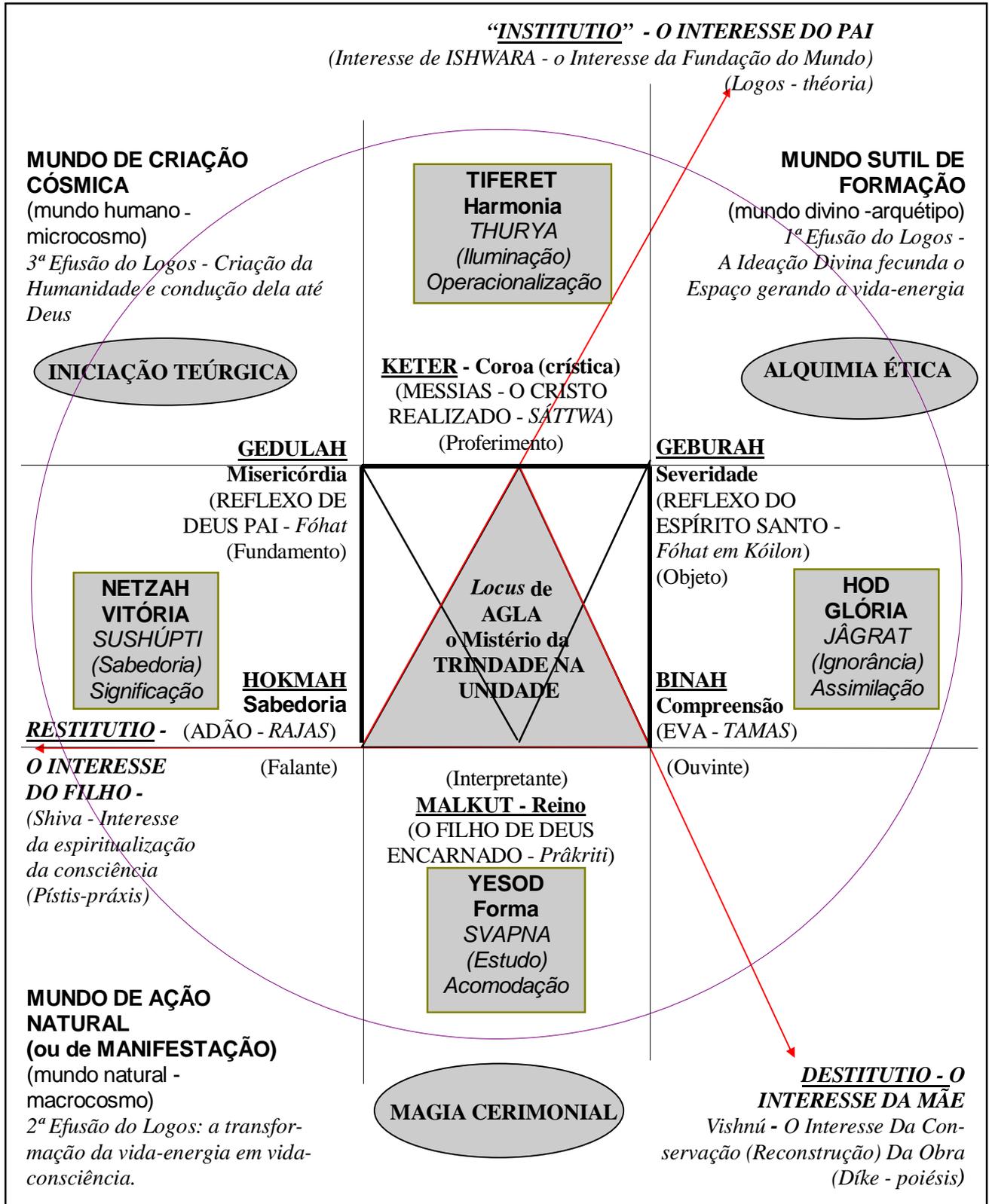
De sorte que, o modelo paradigmático, desvela conteúdos herméticos do sistema sefirótico. Nele se visualiza, claramente, como o ponto máximo de condensação da MATÉRIA - o REINO [MALKUT] - corresponde, também, ao ponto máximo de realização-no-mundo das categorias [HOKMAH e BINAH] que derivam diretamente da primeira emanção do Absoluto - da COROA [KETER]. Nele se compreende, também, como, inversamente, o ponto máximo de evolução do ESPÍRITO - a COROA CRÍSTICA [KETER] - corresponde, por sua vez, ao ponto máximo de realização-na-Idéia-emanada [ou no Plano da Obra de Deus] das categorias [GEBURAH e GEDULAH] que representam a Potência de Deus encarnada no REINO, como Corpo Místico do CRISTO-MESSIAS.

No sistema sefirótico, como aliás na TRADIÇÃO religiosa hebraico-cristã, a expressão dos pilares [ou processos] ativo, neutro e passivo, que integram a Obra de Deus, não revela o conteúdo próprio da dialética triádica, que através deles se processa. O enfoque sefirótico, neste particular, é substantivista, orientando a meditação da Obra no sentido próprio das qualidades, que se expressam em cada um dos *sephiroth*, e buscando, assim, a compreensão da sua articulação e complementaridade.

Perde-se de vista, neste sentido, o papel desempenhado na Obra de Deus pelos interesses que representam as respectivas funções sgnicas: **fundamentação transcendental**, **reconstrução do significado** e **compreensão participativa**.

De alguma forma a compreensão do neutro - como **ponto de equilíbrio** entre a fundamentação e a compreensão, entre a transcendência e a imanência, desfigura o papel da RECONSTRUÇÃO - como CRÍTICA e MÉTODO - no processo do Mundo. Desfigura o fato que a noção de equilíbrio, supõe e interage dialeticamente com o desequilíbrio; e que o “neutro”, por conseguinte, abarca a ambas na sua dignidade própria e, diríamos, sefirótica.

Quadro 45 - Conformação das categorias da “ÁRVORE DA VIDA” no modelo paradigmático da epistemologia de síntese - síntese cabalística da cosmogênese.



A emergência do desequilíbrio na Obra de Deus, nessa perspectiva, tende a ser compreendida como um “acidente” de percurso. Esse vezo “substantivista”, na Tradição hebraico-cristã, terá sido, provavelmente, o principal responsável pela forma como segue interpretada a questão da “Primeira Queda”, como o “pecado de Adão e Eva”, refletindo-se, ademais, numa atribuição de culpa que incide mais pesadamente - como um “estigma” - sobre o aspecto feminino da Criação.

Exatamente por isso, o drama da existência na Obra de Deus é visualizado em três atos - INSTITUTIO, DESTITUTIO e RESTITUTIO - um dos quais [a DESTITUTIO] constitui acidente, desvio, que, na versão exotérica dessa Tradição, traduz-se em motivo de cólera e punição Divina, exigindo desarte a intervenção corretiva do Messias.

É desnecessário enfatizar, embora o registro seja relevante, o quanto essa visão de mundo tem repercutido - sob a forma de **dominação de gênero** [machismo] - no curso do processo civilizatório. No essencial, perde-se, aqui, a visão de articulação e complementaridade entre os três atos dramáticos da emanção Divina, que a Tradição oriental preservou sob os cuidados de ISHWARA, VISHNÚ e SHIVA. E no específico de um fazer epistemológico, oculta-se a visão da necessidade e da legitimidade do ato originário de ADÃO e EVA.

Aproximar-se da “Árvore do Conhecimento” - que acede o intelecto à capacidade crítica e ao potencial do método - ainda que isso implique o **mistério da morte**, tantas vezes quantas, a ingenuidade do não-saber for “destituída” pela responsabilidade do entendimento, é parte essencial do drama da Criação. E o desvelamento dessa condição - no conceito dos interesses epistemológicos - é uma característica relevante, que o modelo paradigmático avança e agrega ao potencial heurístico do sistema sefirótico.

Uma dificuldade adicional, emergente na perspectiva substantivista do sistema sefirótico, tem a ver com o fato que, na sucessão triádica das categorias que constituem os quatro Mundos da Obra de Deus, a “ÁRVORE DA VIDA”, de alguma forma, vela o potencial de contribuição do QUATERNÁRIO na lógica da Totalidade divina - e assim o fazendo, vela, também, uma visão - mais imediata e, ao mesmo tempo, profunda - do significado do SETENÁRIO.

Ao diferenciar as categorias que integram a dupla-tríade - as **6 dimensões do núcleo sígnico** - daquelas que constituem os **4 Saberes**, o modelo paradigmático avança e agrega sentido ao sistema sefirótico. Nosso modelo, para uma epistemologia da religião confere ao conjunto de qualidades que integram o Mundo Sutil de Formação - YESOD, HOD e NETZAH - mais a esfera de sua articulação, escada acima, no Mundo da Criação Cósmica - TIFERET - uma condição destacada no desenrolar do drama do Mundo. São os quatro estágios no processo da formação da consciência, são os quatro aspectos na conformação dos Saberes, estruturalmente implicados no processo de auto-reflexão comunicativa do núcleo sígnico.

É da natureza do sistema sefirótico, que a esfera de cada uma das qualidades ali representadas seja ponto de passagem necessário e indispensável no processo do Mundo. Inexiste, aqui, a possibilidade de uma “queima de etapas”, embora os caminhos para a sua ultrapassagem sejam múltiplos - comportando evolução, repetição e até mesmo regressão - no Plano da Obra de Deus. Isso que, autoriza o cabalista a elaborar múltiplas combinações “diabáticas” dos *séphirot* na sua “meditação do Caminho”⁷ - um exercício tortuoso, muitas vezes penoso e, não pouco freqüentemente, fragmentário, no particularismo da sua representação.

⁷ Alguns cabalistas falam em 22 caminhos diabáticos possíveis.

No modelo paradigmático, essa dificuldade é resolvida pela estruturação do processo do Mundo, que desvela, de um lado, o caráter entrelaçado e contemporâneo da influência dos *sephiroth*, que integram a dupla tríade do núcleo sgnico, nos diferentes tempos da evolução da Obra; de outro lado, o caráter seqüencial dos estádios - e inter-complementar dos conteúdos - que os *sephiroth* do Quaternário dos Saberes, representam na trajetória da evolução do mundo.

Tudo que vai aqui exposto, não deve ser tomado como uma tentativa de descarte do construto milenar da Cabala hebraica. A humildade que nos orienta, na elaboração do modelo paradigmático, não tem a pretensão de constituir-se numa negação do conteúdo de saber das Tradições que compreende. Muito ao contrário, procura resgatá-lo. Assim, portanto, a “Árvore da Vida” continua uma representação relevante para a meditação do Caminho. E, até por isso mesmo, confirmando essa perspectiva de se estabelecer o diálogo e o debate epistemológico, entre modelos acreditados da Tradição religiosa, trabalhamos, sobre uma hipótese de configuração do sistema sefirótico que, alterando sua estrutura básica, oferece espaço para uma visualização mais clara da Dupla-tríade e do Quaternário que o compõem.

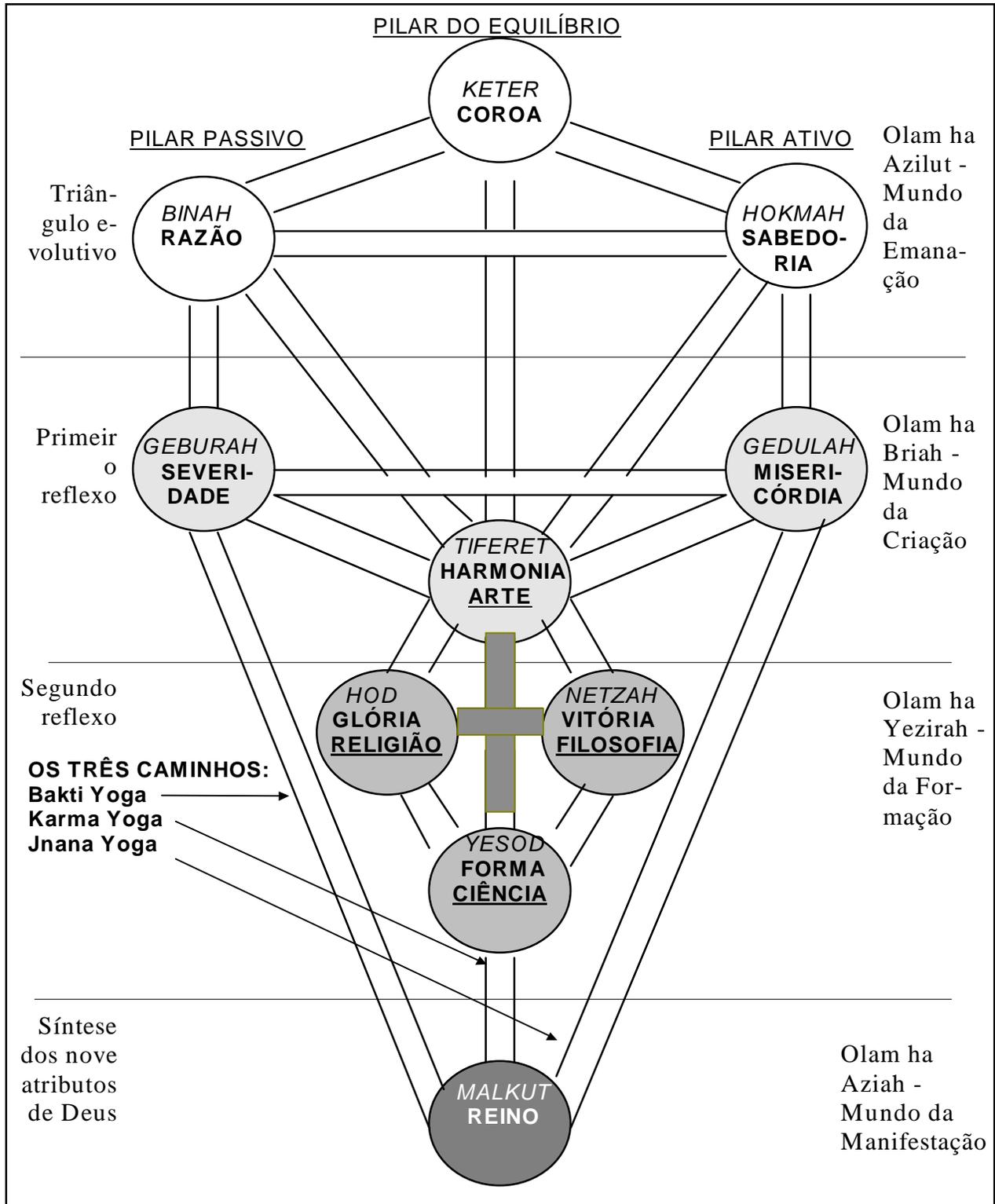
A estrutura básica da “Árvore da Vida”, na representação do **Quadro 46**, adiante, foi propositadamente alterada:

- [a] para construir o triângulo dos processos involutivos, que articula a “base” daquele formado pelo “primeiro reflexo”, com um “vértice” constituído pela Síntese dos nove atributos da Obra de Deus no *sephirah MALKUT* - um triângulo, portanto, que seja inclusivo do “segundo reflexo”; esse que corresponde, no núcleo sgnico do modelo paradigmático, à tríade do fazer comunicativo - aos processos “coagulantes” da Obra de Deus;
- [b] para evidenciar, no caminho ascendente, que sai do Reino percorrendo o pilar do equilíbrio, o ciclo de desenvolvimento da consciência, que constitui, de forma específica e especificamente integrada a essa via de desenvolvimento, o Quaternário dos Saberes;
- [c] para sinalizar, com clareza os três caminhos possíveis para o primeiro movimento de elevação do Espírito desde a esfera do REINO - esses mesmos caminhos que correspondem: ao caminho da devoção - BAKTI YOGA; ao caminho do entendimento - JNANA YOGA; e ao caminho do conhecimento e do trabalho - KARMA YOGA.

Não se pretende, mediante esse recurso de análise, no entanto, derogar o princípio básico da síntese cabalística: que a Obra de Deus - e conseqüentemente a Consciência Espiritual que nela se desenvolve - **devem percorrer, no seu caminho de ascensão e retorno, todas e cada uma das esferas *sephiroth*.**

Muito ao contrário, nosso exercício de compatibilização dos dois esquemas morfológicos - da árvore cabalística e do modelo paradigmático - relevam a importância e as características próprias dos **três Caminhos** [que dão origem às três Praxiologias da Tradição religiosa oriental ou cabalística] que se elevam desde o Reino: o **caminho da devoção** ou da “alquimia” interior ou ética - no pilar passivo; o **caminho do entendimento** ou da “iniciação teúrgica”, no pilar ativo; e o **caminho do karma** - do conhecimento e do trabalho. Este último, aliás, que se constitui, como a própria tradição bíblica o designa, no caminho próprio, reto, que, partindo da realidade densa do REINO, permite atingir - sem retorno previsível e, mais do que isso, necessário - os níveis mais elevados do “primeiro reflexo” da Emissão divina, no Mundo da Criação Cósmica.

Quadro 46: “ÁRVORE DA VIDA” - Reconstrução do sistema sefirótico, ressaltando a DUPLA-TRÍADE e identificando o QUATERNÁRIO dos SABERES e os três CAMINHOS DA INICIAÇÃO.



Esta análise tem implicações relevantes para os processos de Iniciação - como elevação do Espírito, desde o REINO até as esferas superiores da SEVERIDADE e da MISERICÓRDIA. É que, nela está implicada a percepção, que a ligação direta, entre o *sephirah MALKUT* e os *sephiroth GEBURAH* ou *GEDULAH* - isso que se torna imediatamente acessível aos Espíritos devotados aos processos da “alquimia ética” ou da “iniciação teúrgica”, do *BAKTI YOGA* ou do *JNANA YOGA* - é forçoso concluir: ou se constituem no privilégio daqueles que já experimentaram os quatro estágios da formação da consciência [e assim o Quaternário dos Saberes - tendo percorrido o caminho reto que passa por YESOD, NETZAH, HOD e TIFERET]; ou implica no inevitável regresso à experiência necessária do Quaternário dos Saberes, para a completação do desenvolvimento espiritual da Consciência.

É assim, também, que se pode especular, sobre o destino dessas Almas privilegiadas, que pela SEVERIDADE da sua devoção, ou pelo grau de entendimento que lhes tenha sido alcançado pela MISERICÓRDIA Divina, tenham vislumbrado - seja na experiência mística do religioso, ou na experiência intelectual do místico - alguma dimensão do REFLEXO da primeira Emanação do Logos, que haverão um dia de percorrer, ainda que, e muito provavelmente, numa atitude missionária ou sacrificial, o caminho do Retorno à Caverna de que nos fala Platão...

9.5 A dupla tríade na TRADIÇÃO de UMBANDA.

Eis que chegamos ao termo deste volume, significativamente, na 3ª Seção do seu 9º Capítulo. Nessa tarefa pretendemos estender uma ponte: entre o desconhecido-de-dentro da disciplina científica, que se expressa hoje na crise paradigmática e nos obstáculos epistemológicos que, na sua esteira, bloqueiam o processo do conhecimento; e o desconhecido-de-fora, na Tradição dos Saberes, que foram relegados à condição da clandestinidade, pelo cientificismo hegemônico no processo civilizatório do Ocidente.

Percorremos, nesta direção, um caminho diverso da produção científica tradicional, que se esgota no seu próprio horizonte de saber; e um caminho inverso, dos fundamentalismos contemporâneos, que buscam, na reiteração dogmática de uma Fé irreflexiva, construída sobre as necessidades repressivas emergentes da insatisfação-de-ser em nossa sociedade consumista e mesquinha, o princípio da sua própria justificação.

Tomamos, como ponto de partida, uma situação concreta - de sala de aula - que nos exigia respostas. Que nem sempre, diga-se de passagem, foram completadas naquele tempo de reflexão e diálogo. E buscamos a referência dessa reflexão, nos textos canônicos e na produção autorizada da academia.

Mas não esquecemos de trabalhar, nisso, a nossa própria densidade de Ser, pelo perscrutar inteligente dos auspícios, que a vida nos reservou, colocando a totalidade da nossa experiência em perspectiva e os nossos valores sobre a mesa. Exatamente, por isso, impõe-se agora um esclarecimento - e uma advertência.

É comum, no processo da criação científica, que uma “iluminação” repentina - o estalo criador ou a *heureka* dos inventores - sintetize, num instante, a solução perseguida durante anos de trabalho sistemático, cumulativo e, aparentemente, infrutífero, do labor científico. O relato autobiográfico dos homens de ciência é prenhe dessas circunstâncias, que os socorrem nas mais imprevistas e acidentais circunstâncias. Num sonho de Niehls BOHR, por exemplo, foi literalmente “(des)coberta” a hipótese básica sobre a estrutura do

átomo. Isso que faz, também, do movimento sutil do pensamento - caracterizado pela dinâmica das suas infralógicas - um divisor de águas, que demarca pela inspiração, o espaço e o tempo entre duas transpirações do homem de ciência - entre o trabalho-de-dentro de um paradigma estabelecido, e o trabalho-de-fora da sua coerção, que legitima uma visão alternativa da ciência e do mundo.

O conceito básico, em torno do qual se construiu toda a elaboração do modelo paradigmático da epistemologia de síntese, não constitui uma exceção a essa regra: da utilização heurística de uma idéia, de um modelo, de uma forma, como princípio de organização, em torno da qual, questiona-se o conhecimento estabelecido e se justifica a pesquisa exploratória - na perspectiva da sua consolidação como Saber ou, mesmo, na busca da sua corroboração.⁸

Para nós, esse modelo constituiu-se no **PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO**, como foi **originária, abstrata e hermeticamente definido** como a forma “*como a Unidade se manifesta pelo Ternário e daí gera o Setenário, de acordo com o cruzamento do círculo*” **por W.W. da MATTA E SILVA** [1992:45].

De fato, tem uma origem determinada [no MAPA-CHAVE Nº 1 - que figura a LEI DE UMBANDA, em MATTA E SILVA, 1992], a forma geométrica, que se encontra figurada na folha de rosto deste estudo, que denota a alegoria da PLANÍCIE DE ALÉTHEIA, e que, heurísticamente, orientou a nossa pesquisa, na elaboração paradigmática dos conceitos e relações que se expressam no modelo teórico da epistemologia de síntese.

Daí porque, também, essa investigação - **convenientemente, sob o ponto de vista metodológico, e necessariamente, sob o ponto de vista ético** - deva concluir pela identificação e clarificação dessa mesma origem, de sorte a permitir ao leitor, uma análise da forma, na perspectiva do seu conteúdo primordial.

Note-se bem, que, uma vez elaborada a intuição, independe a avaliação do conteúdo do paradigma exposto, nas suas diferentes áreas de aplicação, da convicção que o leitor possa esboçar, e da empatia que possa manifestar, relativamente aos cânones de sua origem religiosa nos postulados de UMBANDA, que estão implicados na formulação originária do PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO.

Não será razoável, entretanto, afirmar-se uma completa dissociação da forma e do conteúdo. De sorte que, de alguma maneira, a pertinência do que tiver sido exposto ao longo desse volume, resultará em crédito à inteligência contida na fórmula original da intuição hermética de MATTA e SILVA, publicada em 1933, na sua “UMBANDA DE TODOS NÓS” [7ª ed. 1992] e desenvolvida ulteriormente por RIVAS NETO em sua “UMBANDA - A PROTO-SÍNTESE CÓSMICA” [1989].

Para fixar esse ponto, vamos, novamente, estabelecer um paralelo, com o sonho de Niehls BOHR - que viu um sistema solar regredir ao infinito, buscando nessa visão o esquema morfológico que necessitava,

⁸ Não se confunda esse termo com a idéia expressa pelo conceito do “wishfullthinking” - aliás, a maior objeção que o trabalho de demonstração, pela argumentação persuasiva e pela corroboração empírica, necessário à legitimação de um novo paradigma ou mesmo de uma teoria nova, precisam enfrentar no seu esforço legítimo de auto-confirmação. O “wishfullthinking” tem duas características que o afastam diametralmente da metodologia do nosso trabalho: trata-se de um “bias” de fundo inconsciente, cujos pressupostos, pelo menos, ficam, são velados à crítica; trata-se de um solução desejada, para um problema não resolvido. A epistemologia de síntese, ao contrário, traz sobre a mesa todos os seus pressupostos e enfrenta o problema de se constituir numa solução incômoda, para problemas teóricos que de há muito já se encontram equacionados.

para derivar - da analogia do infinitamente grande com o infinitamente pequeno - as hipóteses que fizeram avançar a pesquisa sobre a estrutura elementar da matéria.

Não será necessário, a partir daí, dormir e sonhar como Niehls BOHR, ou partilhar das razões e das ansiedades que o levaram a esse sono profundo e fecundo, para que se possa compreender e avaliar o seu trabalho; da mesma forma como, não será necessário partir-se de uma conclusão sobre a correção ou incorreção da hipótese básica de Galileu GALILEI, sobre o movimento da Terra em torno do Sol [cuja concepção se expressou no sonho e na visão de BOHR] para se fazer uma avaliação do estado da arte na moderna física nuclear.

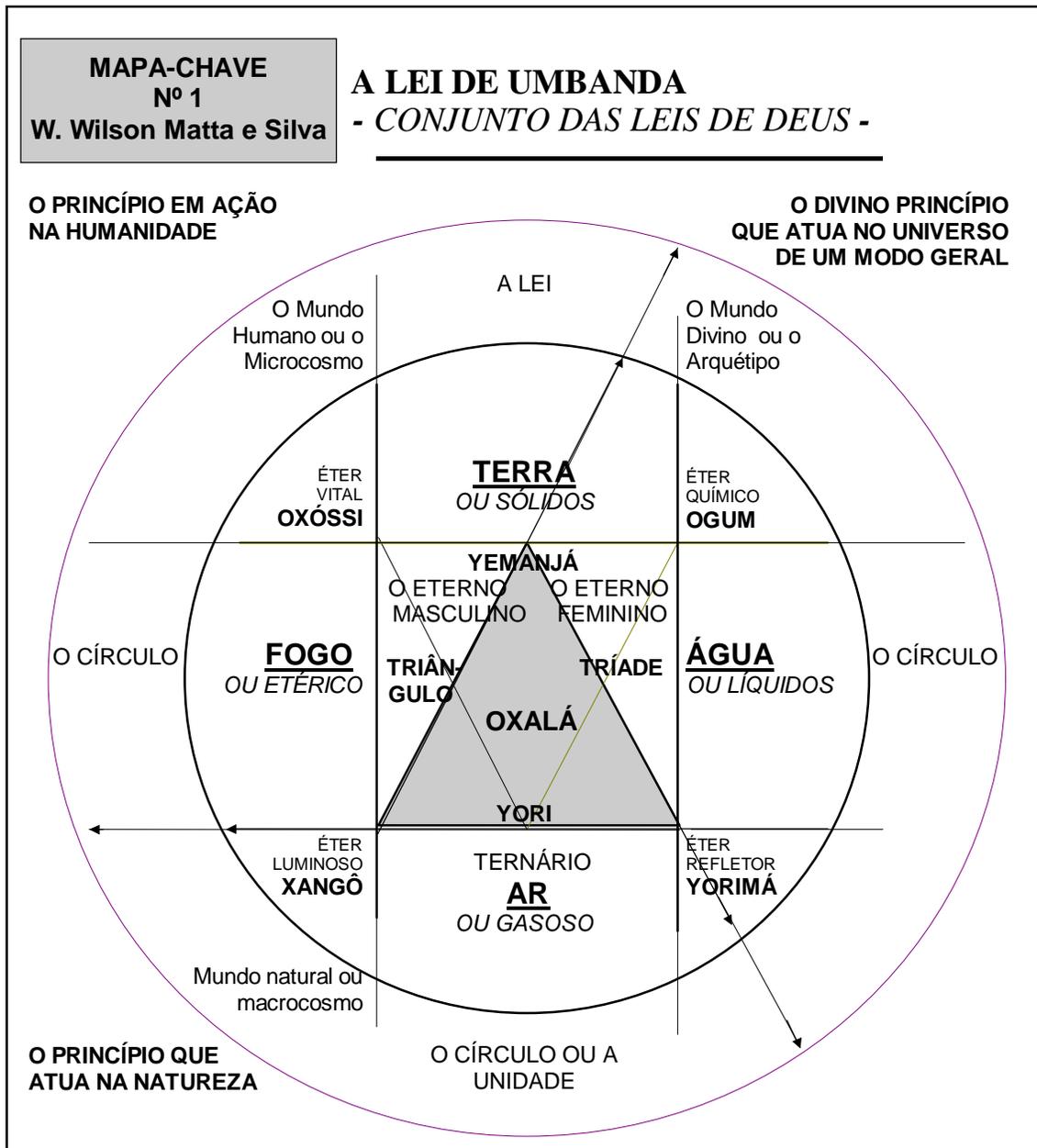
Mas, é forçoso creditar, de alguma forma e ainda que indiretamente, a GALILEU e à ciência da astronomia, a originalidade da descoberta de BOHR e dos avanços da moderna física nuclear. E será, também, muito difícil evitar-se, a partir daí, que os desenvolvimentos ultrírrimos da física nuclear deixem de influenciar - para corrigi-las, corroborá-las ou refutá-las - as hipóteses básicas da física astronômica...

O mesmo raciocínio se aplica à apropriação, que este estudo realizou, dos postulados da Tradição de Umbanda na obra raiz de MATTA E SILVA [7ª ed. 1992]. Saliente-se, também, a continuidade dessa corrente de pensamento na obra mediúnica de seu discípulo, e intérprete autorizado, F. RIVAS NETO, cuja "UMBANDA - A PROTO-SÍNTESE CÓSMICA", tem sido um referencial amplo e estimulante para o diálogo, que este texto buscou desenvolver entre os Saberes.

Isto posto, resta ainda, em conclusão, a tarefa de explicitar as grandes linhas de correspondência e desenvolvimento teórico, que estabelecem a ponte entre o modelo paradigmático da epistemologia de síntese e seu arquétipo ancestral nos postulados de UMBANDA.

Iniciamos, pela reprodução - forma e conteúdo - do MAPA-CHAVE Nº 1 de MATTA E SILVA (**Quadro 47**, a seguir) neste texto.

**Quadro 47 - O PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO –
esquema morfológico original do modelo paradigmático
da epistemologia de síntese.**



Ao leitor que acompanhou todo o desenvolvimento desta tese, não será difícil identificar nas linhas do MAPA-CHAVE Nº 1 de MATT A E SILVA a estrutura morfológica do modelo paradigmático.

Aos que assim o desejarem, imediatamente, trata-se apenas de uma forma, como um triângulo é apenas um triângulo, e um círculo é apenas um círculo. E como forma, desempenhou uma função heurística na elaboração do modelo teórico - do paradigma da epistemologia de síntese. De fato, em boa medida, nós o utilizamos neste sentido próprio. Da mesma maneira como também os cientistas da natureza, orientando-se pelo esquema *morfológico* da “tabela periódica” - com seus “espaços vazios” - foram, gradativamente,

(des)coabrindo os diferentes elementos da matéria, cuja forma atendia às especificações estruturais do esquema morfológico pré-estabelecido.

Mesmo **nesto patamar mínimo de empatia**, relativamente à relevância e às implicações do enquadramento originário da **forma**, há que se considerar o fato que esta **forma** tornou possível estabelecer pressupostos e, quase diria, uma linguagem comum a distintos campos do Saber, resgatando nisso um significativo potencial de entendimento e conhecimento.

É oportuno e justo, neste particular, explicitar, também, o modo pelo qual, a hipótese originária da Divisão Estrutural do Saber - em termos de RELIGIÃO, CIÊNCIA, FILOSOFIA e ARTE - e a sua conformação no modelo paradigmático, foram teoricamente apropriadas em nosso fazer epistemológico. A referência desse ponto de partida... e de chegada, foi o quadro das correspondências do SETENÁRIO, na obra mediúnica de F. RIVAS NETO [1989:131], na **Tabela 33**, a seguir:

Tabela 34: Correspondência epistemológica do SETENÁRIO (cfr. RIVAS NETO)

SABEDORIA	ORIXALÁ	ENERGIA ESPIRITUAL
AMOR	YEMANJÁ	ENERGIA MENTAL
PROTO-SÍNTESE RELÍGIO-CIENTÍFICA	YORI	ENERGIA ETÉRICA
CIÊNCIA	XANGÔ	FOGO FORÇA SUTIL ÍGNEA
ARTES	OGUM	ÁGUA FORÇA SUTIL HÍDRICA
FILOSOFIA	OXOSSI	AR FORÇA SUTIL EÓLICA
RELIGIÃO	YORIMÁ	TERRA FORÇA SUTIL TELÚRICA

O **Quadro 47** e a **Tabela 34** explicitam os elementos básicos, que foram trabalhados na originação das hipóteses nucleares do paradigma da epistemologia de síntese, que trazemos à avaliação:

- [a] que a realidade - a EXISTÊNCIA - comporta três mundos - como três estruturas que nela interagem (arquétipo, macrocosmo e microcosmo)
- [b] que o processo do conhecimento é desencadeado por uma tríade superior - da sabedoria, do amor e da capacidade de síntese - e se realiza-concretiza na Quaternidade dos Saberes - como RELIGIÃO, CIÊNCIA, FILOSOFIA E ARTE.

A partir dessas idéias básicas, que nos foram acessíveis tardiamente, quase por um “acidente” no processo do nosso próprio desenvolvimento intelectual, os conceitos tradicionais da epistemologia acadêmica, que trabalhamos em sala de aula, ganharam nova conotação, que a curiosidade intelectual e um certo sentido de responsabilidade perante o Saber, nos levou a investigar. Relevante, nessa perspectiva, foi o paralelismo que encontramos nas idéias de estrutura e função, entre a epistemologia de síntese e a cosmovisão de Umbanda. [Tabela 35].

Tabela 35 - Correspondência dos três campos e interesses epistemológicos nas categorias da cosmovisão das tradições esotéricas.

Categorias estruturais funcionais da EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE	Categorias da cosmovisão de UMBANDA
Campo da Estruturação Teórica do Saber	Plano Astral - arquétipo
Campo da Realização Participativa do Saber	Plano Físico - macrocosmo
Campo da Fundamentação Transcendental do Saber	Plano Mental - microcosmo
Interesse da Compreensão Participativa do Discurso	Interesse da Movimentação da Energia Etérica (comandado pelo Orixá Yori no esoterismo de Umbanda)
Interesse Transcendental do Entendimento	Interesse da Movimentação da Energia Espiritual - (comandado por Orixalá no esoterismo de Umbanda)
Interesse da Reconstrução Teórica do Significado	Interesse da Movimentação da Energia Mental (comandado por Yemanjá no esoterismo de Umbanda)

Ao descortinar a análise dessas correspondências, nosso entendimento recolhe o sentido pleno da humildade socrática. Percebemos que a nossa contribuição possível à formulação do novo paradigma epistemológico, de alguma forma reduz-se à explicitação e sistematização da **preconfiguração de uma epistemologia de síntese na cosmovisão das tradições ancestrais do Saber religioso**. Nossa investigação passa a determinar-se, então, **pelo interesse da reconstrução teórica desse significado**. A epistemologia de síntese, não obstante, esboça aqui o seu nível mais elevado de auto-reflexão, cujo pálido reflexo é recolhido nas correspondências conceituais da **Tabela 38**.

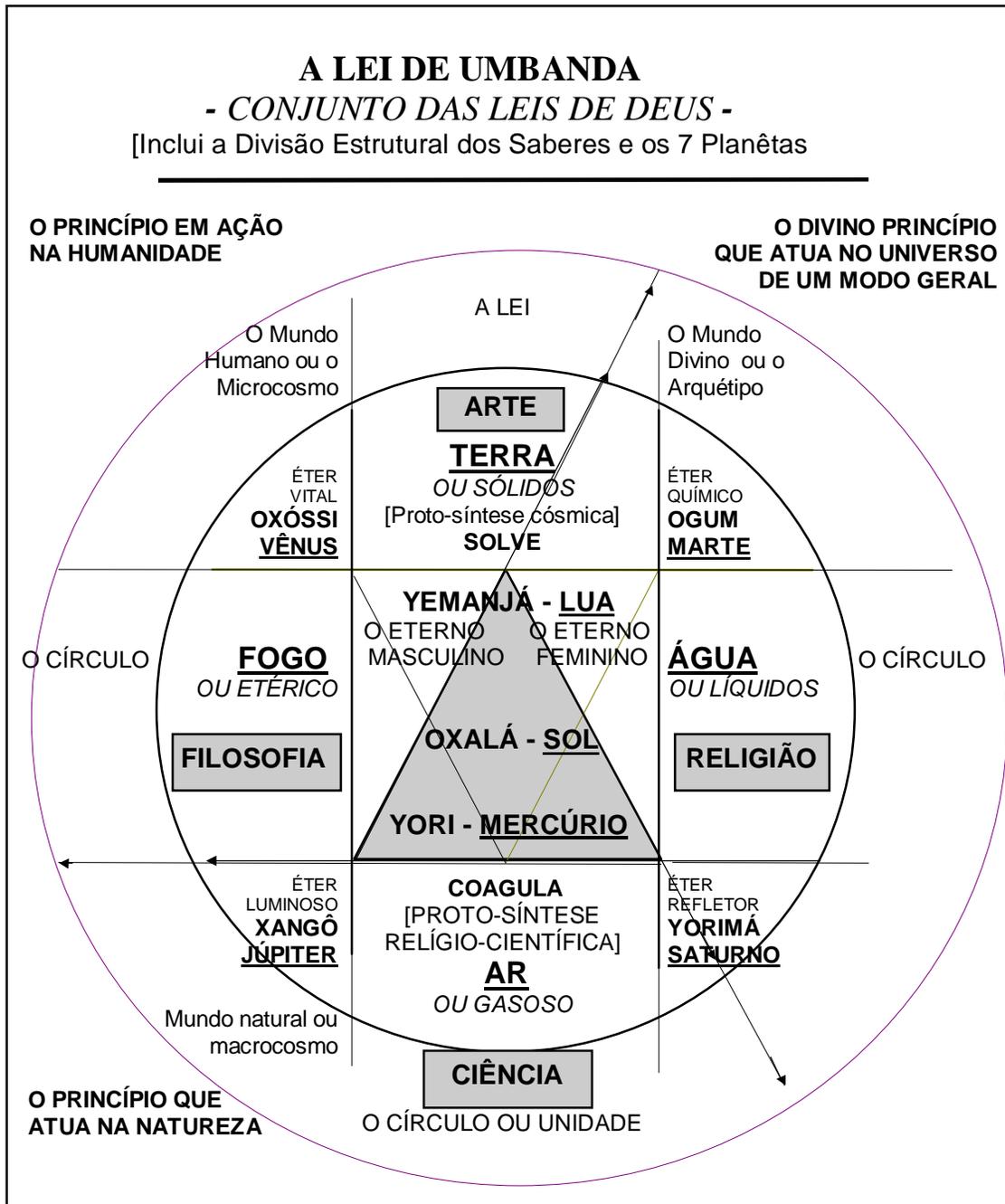
Tabela 38 - Correspondência das categorias do núcleo sógnico da EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE na Tradição dos postulados de UMBANDA

EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE	Cosmovisão de UMBANDA
Fundamento - PRINCÍPIO	A CAUSA INCRIADA (Deus, Zambi, Tupã)
Objeto - ORGANIZAÇÃO	A LEI (o <i>Aumbandan</i> que designa, ao mesmo tempo a comunidade de comunicação da Umbanda e os princípios transcendentais de sua fundação, como o conjunto das Leis de Deus)
Interpretante - APLICAÇÃO	A PROTO-SÍNTESE RELÍGIO-CIENTÍFICA - o Processo do Conhecimento como desenvolvimento da Consciência nas tensões diádicas da dupla-tríade
Ouvinte - ARQUÉTIPO	A MEDIUNIDADE, como projeção da consciência na superposição dos três planos: físico, astral e mental
Falante - REPRESENTAÇÃO	OS SERES ESPIRITUAIS (entre os quais a Humanidade, seus Guias e Protetores, Orixás e Exus)
Proferimento - EXPRESSÃO	A PROTO-SÍNTESE CÓSMICA - o Processo do Mundo resultante da Unidade do Amor e da Sabedoria

Construído esse esboço categorial, **a tarefa que nos propomos neste texto chega prestes ao seu termo, confirmando sua hipótese crucial.** De fato, o esforço deste exegeta resultou, simplesmente, numa compilação sintética da ancestral e vasta Tradição do Saber, como foi originalmente sinalizado pelos seus guardiães e intérpretes mais autorizados.

Abre-se o campo agora, para a tarefa mais importante, da pesquisa e desenvolvimento dos conceitos no interior do paradigma sintético, e da sua aplicação aos vastos domínios da **proto-síntese comunicativa**. Isso que, a cada um de nós, corresponderá cumprir, como navegadores fôssemos, de uma frágil embarcação a cruzar sobre as águas profundas de dentro e sobre as águas revoltas de fora, performando o Círculo da nossa aproximação possível das belas e generosas paragens da **Planície de Alétheia** - Coroa dos Mistérios de uma Tradição arcana, onde a Verdade desvela a Sabedoria e a Razão se manifesta no Amor. Pois, como escreveu um intérprete: “A *PROTO-SÍNTESE CÓSMICA* encerra, em seu Círculo Uno, a Lei, e essa, por sua vez exterioriza-se através da Sabedoria e do Amor, que movimentam a *SÍNTESE INFERIOR* ou a *PROTO-SÍNTESE RELÍGIO-CIENTÍFICA*, a qual equilibra, de forma harmoniosa, a *RELIGIÃO*, a *CIÊNCIA*, a *FILOSOFIA* e a *ARTE*.” [RIVAS NETO, 1989:131]

Quadro 48 - O PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO - esquema morfológico original do modelo paradigmático da epistemologia de síntese.



O **Quadro 48**, sincretiza essa a intuição, que emerge ao final dessa obra, simplesmente, porque lhe esteve sempre subjacente, desdobrando-se simbolicamente em cada paragem do nosso percurso. Eis que, assim, ao termo desse exercício de investigação e formalização paradigmática, convém justificar e fundamentar essa opção conscientemente empreendida, pelo afrontamento que nos propiciou ao desafio formulado por RICOEUR:

“Estamos hoje em dia à busca de uma grande filosofia da linguagem, capaz de explicar as múltiplas funções do significar humano e suas relações mútuas. Como a linguagem é suscetível de usos tão diversos quanto a matemática, a física e arte? Não é por acaso que colocamos, hoje, essa questão. Somos precisamente esses homens que dispõem de uma lógica simbólica, de uma ciência exegética, de uma antropologia e de uma psicanálise, e que, talvez, pela primeira vez, são capazes de englobar, em uma só, a questão do remembramento do discurso humano. Com efeito, o próprio progresso de disciplinas tão díspares quanto as que mencionamos evidenciou e ao mesmo tempo agravou o deslocamento desse discurso. A unidade do falar humano constitui hoje problema.” [RICOEUR, 1977, p. 15].

Percorremos um longo e tortuoso caminho. A bússola que nos serviu de orientação, nós a encontramos na própria natureza simbólica dos conteúdos aqui trabalhados. E, particularmente, nos orientamos pela exploração plena de uma Tradição religiosa que, muitas vezes reprimida no cotidiano da existência, forçou passagem ao entendimento, em circunstâncias críticas de nossa experiência de vida.

Como TRINDADE da tradição cristã, a concepção triádica esteve presente na formação ainda ingênua da nossa consciência. Mais recentemente, no contato com o esoterismo de Umbanda, reencontramos a TRÍADE na obra de autorizados intérpretes dessa Tradição esotérica, e vivenciamos sua manifestação na linguagem simbólica e, por vezes, enigmática de pais velhos, caboclos e crianças - as três formas da comunicação mediúcnica dos Guias de Umbanda.

O processo da vida: de alguma forma, nos iniciou para a responsabilidade do conhecimento e nos cobrou a humildade ao entendimento - como despojamento dos preconceitos e limitações do academicismo científico em nosso fazer cotidiano. Foi este drama da existência, que nos ocorreu testar contra o pano de fundo das reflexões epistemológicas, que conduzíamos no Curso de Mestrado em Ciência Política da UFRGS.

Nossa hipótese de trabalho: submeter a cosmovisão de Umbanda, representada pelo diagrama do Princípio do Círculo Cruzado, ao crivo dos défices, dos obstáculos e das exigências que se postulam ao entendimento e ao conhecimento, no desfazimento do paradigma da modernidade.

Nosso método de trabalho: consubstanciou-se, ao longo deste texto, num esforço de auto-reflexão participativa, que para extrair daquele conteúdo simbólico a sua ressonância concreta, seu fundamento racional e o seu potencial comunicativo. De alguma forma, procuramos realizar a tarefa do hermenêuta, que procede o círculo completo da compreensão-fundamentação-reconstrução, em demanda da expressão e da aplicação do sentido visado pelo símbolo.

O resultado alcançado: parece consistente com a percepção de RICOEUR; o qual, embora em contexto e perspectiva diferenciada, escreveu sua obra em condição análoga de motivação: *“Em termos gerais, direi: todo ‘mythos’ comporta um ‘logos’ latente que exige ser manifestado. É por isso que não há símbolo sem um início de interpretação. Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar”*[RICOEUR, 1977, p. 26]. Mérito que creditamos às fontes da perscrutação, a que nos conduziram o entendimento e o processo da vida, permitindo-nos, em síntese, **sobreviver e dar um testemunho:** do militante político, numa comunidade acadêmica; do cientista, no afrontamento do poder político; do neófito, na especulação de Tradições arcanas; e do homem de religião, numa cultura laica e cientificista.

Foi demasiado **OUSAR**, talvez, essa ultrapassagem do limiar de segurança das fronteiras atuais do fazer epistemológico. Mas trilhamos um caminho sinalizado por ilustres precursores, como uma reação necessária e indispensável à auto-preservação do Saber, hoje comprometida pelo fato que: *“o avanço da*

especialização torna impossível ao cientista, e já não apenas ao cidadão comum, compreender o que se passa (e por que se passa) à volta do habitáculo (cada vez mais estreito) em que vive em Scientiápolis [SANTOS 1989:12/13].

Como exercício desse nosso **QUERER**, percorremos um caminho transversal, acreditando que, para romper o avanço da especialização científicista, que o torna cada vez mais incapaz de compreender o mundo que o cerca, e assim o próprio sentido dos conteúdos que manipula, **o homem de ciência precisa se impor o desapossamento do conteúdo narcisista da consciência, que integra o círculo vicioso de sua auto-confirmação.**

Amparou-nos, a perspectiva de um **SABER** mais amplo - contraditório, mesmo, dessa tendência autodestrutiva, que enraíza nos cânones, cuja ortodoxia quebramos.

Resta agora **CALAR**, **para que a geração do que foi plantado prossiga, no seu tempo e lugar.**

Tabela ANEXA I

OS CORPOS DE HOMEM - SEGUNDO AS DIVERSAS ESCOLAS FILOSÓFICAS [apud MIRANDA, 1960:150].

TEOSÓFICA		BUDISTA ESOTÉRICA		HEBRAICA		EGÍPCIA FA-RAÔNICA		ROSA-CRUCIANA		VEDANTA		RÂJA-YOGUI		GREGA		ESPÍRITA		CATÓ-LICA		
Triade superior	Corpo causal	Átmico]	Átman	Yechida	Atmú	Espírito Divino	Atman	Karano upadi	Nous	Espírito	Alma									
		Búddhico	Buddhi	Shaya	Putah	Espírito de Vida	Ananda maya kosha													
		Mental abstrato ou superior	Manas Arrupa	Nechamah	Sab	Espírito Humano	Vijnanda maya kosha													
Quaternário inferior	Kama-manas	Mental concreto ou inferior	Manas Rupa	Ruach	Akbú	Mente	Manas maya kosha	Suckshu-mo upadi	Psiqué	Perispirito										
		Astral	Kama Sháira	Nephesh	Khabá	Corpo de Desejos	Prana maya kosha													
		Etérico ou vital	Linga Sháira	Kush ha Guf	Bah	Corpo vital	Ana maya kosha	Stulo upadi	Soma											
		Físico	Stulo Sháira	Guf	Kha	Corpo denso				Corpo	Corpo									

Tabela ANEXA II

OS SETE PRINCÍPIOS NO UNIVERSO E NO HOMEM [apud MIRANDA, 1960:151].

NO UNIVERSO = PLANOS		NO HOMEM = CORPOS		
Mahā-Para-Nirvānico ou ady	O Homem não participa destes planos			
Para-nirvānico ou anupadaka	Sua matéria destina-se a Sêres superiores a nós			
Nirvānico ou átmico	Átmico	Corpo causal [espírito]	Triade Superior [individualidade] Símbolo iniciático [O homem divino] 	Dura enquanto evolvemos co- mo homem.
Búddhico	Búddhico			
Mental	Mental superior			
Astral	Mental inferior	Corpo psíquico [alma]	Quaternário inferior [personalidade]	Organizada em cada en- carnação
	Astral		Símbolo iniciático 	
Físico	Físico etérico	Corpo físico [corpo]	Símbolo iniciático [O homem humano]	
	Físico denso			

Bibliografia

APEL, Karl-Otto: **Estudos de Moral Moderna**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

APEL, Karl-Otto: **A Semiótica Transcendental e os Paradigmas da Filosofia Primeira**, Porto Alegre, UFRGS, mimeo.

ASSOUN, Paul Laurent. **Freud & Nietzsche - Semelhanças e Dessemelhanças**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

AYDOS, Marco Aurélio D. **Ilustres assassinos**. São Paulo, Ed. Acadêmica, 1992.

AYDOS, Eduardo Dutra. Epistemologia das Ciências Sociais: O Sistema da Dialética. In: **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS**. Ano III, 1975. Porto Alegre: Depto. de Ciências Sociais - UFRGS.

AYDOS, Eduardo Dutra. **Democracia Plebiscitária - Utopia e Simulacro da Reforma Política no Brasil**. Porto Alegre/Canoas, Ed. Universidade/UFRGS/Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, 1995.

BAAKLINI, Abdo I. **O Congresso e o Sistema Político no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

BACHELARD, Gaston. **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1977.

BAQUERO, Marcello (org.). **Cultura Política e Democracia - Os Desafios das Sociedades Contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1994.

BAQUERO, Marcello; e CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira. A Erosão das Bases Democráticas: Um Estudo de Cultura Política. In: BAQUERO, Marcello (org.): **Condicionantes da Consolidação Democrática: Ética, Mídia e Cultura Política**. Porto Alegre, Editora da Universidade - UFRGS, 1996.

BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique Castro de Oliveira; e GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf (orgs.). **A Construção da Democracia na América Latina**. Porto Alegre: co-edição Editora da Universidade - UFRGS, e Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, 1998.

BENEVIDES, Maria Victória de M. **A cidadania ativa**. São Paulo, Ática, 1991.

BERLO, David K.: **O Processo de Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1972.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BRAGA, Políbio. **A Casa Civil**. Porto Alegre: Ed. PB, 1994.

BRITO, Luiz Navarro de. A Representação Proporcional. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**. Belo Horizonte: U.M.G., n.19, jul. 1965.

BOMBASSARO, Luiz Carlos: **As Fronteiras da Epistemologia**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso de Posse. In: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2 jan. 1995.

CARPINACCI, Jorge A.: *Bases Teóricas para la Prática de una Medicina Moderna*. Buenos Aires, mimeo de la Cátedra ministrada en la Facultad de Medicina, Universidad de Buenos Aires, 1997.

CASSIRER, Ernst. *Esencia y Efecto del Concepto de Símbolo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. *História do Pensamento Político*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1982.

CINTRA, Antonio Octávio. Idéias para a engenharia institucional da consolidação democrática. In: LAMOUNIER, Bolivar; e NOHLEN, Dieter: *Presidencialismo ou Parlamentarismo*. São Paulo. IDESP/Ed. Loyola, 1993.

CORREIO DO POVO: Jornal de circulação diária, Porto Alegre.

COUTO E SILVA, Golbery. *Planejamento Estratégico*. Brasília: Ed. Unb, 1981.

DAHL, Robert A. *Prefácio à Teoria Democrática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

DAVIDSON, Roger; **OLESZEK**, Walter. *Congress and its Members*. Washington D.C.: Congressional Quarterly Press, 1981.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

DEWEY, John. *Liberdade e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Revista Branca, 1953.

DUVERGER Maurice. *Sociologia Política*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

ELLUL, Jacques. *A Técnica e o Desafio do Século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo, Graal, 1979 - e São Paulo, Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. *La Arqueologia del Saber*, México, Siglo Veinte, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREUD, Sigmund. *Livro 29 - Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise - II - Por Que a Gerra? E outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

FRIEDRICH, Carl J. *Uma Introdução à Teoria Política*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1970.

GIDDENS, Anthony. *Para Além da Esquerda e da Direita*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GOUVÊA, Gilda Figueiredo Portugal. *Burocracia e Elites Burocráticas no Brasil*. São Paulo: Paulicéia, 1994.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *La Lógica de las Ciências Sociales*. Madrid: Ed. Tecnos, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la Acción Comunicativa: Complementos y Estudios Previos*. REI - México, 1993.

HAVEMANN, Robert. *Dialética sem dogma*. Rio de Janeiro, Zahar d. 1967.

- HEGEL**, Georg W.F. *Ciência da Lógica*. Apud: MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1962.
- HIRSCHMAN**, Albert O. *Saída, Voz e Lealdade*. São Paulo. Perspectiva, 1973.
- JAPIASSU**, Hilton. *Saber Astrológico - Impostura Científica?* São Paulo: Letras & Letras, 1992.
- KENTON**, Warren. *Astrologia Cabalística - Anatomia do Destino*. São Paulo: Pensamento, 1978.
- KLIKSBERG**, Bernardo. *Como Transformar o Estado - Para Além de Mitos e Dogmas*. Brasília: ENAP, 1992.
- KOHLBERG**, Lawrence. *The Philosophy of Moral Development*. San Francisco: Harpers & Row, Pub., 1981.
- KUHN**, Thomas, S.: *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- LAPASSADE**, Georges. *Grupos, Organizações e Instituições*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1977.
- LASSWELL**, Harold D.; e **KAPLAN**, Abraham. *Power and Society - A Framework for Political Inquiry*. New Haven: Yale University Press, 1965.
- LEFEBVRE**, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- LEFEBVRE**, Henri. *Posição contra os tecnocratas*. São Paulo, Ed. Documentos, 1969.
- LIPSON**, Leslie. *Os Grandes Problemas da Ciência Política*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1967.
- LIPSON**, Leslie. *A Civilização Democrática*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1966.
- LOBROT**, Michel. *A Favor ou Contra a Autoridade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1977.
- LOPES**, Maurício Antônio Ribeiro. *Ética e Administração Pública*. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1993.
- MADISON Jr.**, James. Citações deste autor que se referem à reconstrução do seu pensamento político. Apud: DAHL, Robert A. op. cit., 1989.
- MAGEE**, Bryan. *As idéias de Popper*. São Paulo: Ed. Cultrix, Ed. da USP, 1974.
- MANNHEIM**, Karl: *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre, Globo, 1952.
- MARITAIN**, Jacques: *Introdução Geral à Filosofia*, Rio de Janeiro, AGIR, 1968.
- MAQUIAVEL**, Nicolau. *O Príncipe*. Brasília. Ed. Unb, 1979.
- MARCUSE**, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1967.
- MARX**, Karl. *Manuscritos de 1844*. Apud FROMM, Erich. *O conceito marxista do homem, Rio de Janeiro*: Zahar Ed., 1962.
- MATTA E SILVA**, Woodrow Wilson da: *Umbanda de Todos Nós - Compêndio Hermético*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1992.
- MATTA E SILVA**, Woodrow Wilson da: *Umbanda - Sua Eterna Doutrina*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1985.

- MATTA E SILVA**, Woodrow Wilson da: ***A Doutrina Secreta da Umbanda***. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1985.
- MAUROIS**, André. ***História da Inglaterra***. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Ed. 3. ed.
- MEBES**, G. O. ***Os Arcanos Maiores do Tarô***, São Paulo, Pensamento, 1989.
- MEDAUAR**, Odete. ***O Direito Administrativo em Evolução***. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1992.
- MEIRELLES**, Hely Lopes. ***Direito Administrativo Brasileiro***. São Paulo. Ed. Revista dos Tribunais, 1966.
- MENDEL**, Gérard. ***Sociopsicoanálisis***. Buenos Aires: Amorrortu ed., 1973.
- MIRANDA**, Caio. ***A Libertação pelo Yoga***. Rio de Janeiro, Grafica Editora NAP, 1960.
- MOLES**, Abraham: ***A Criação Científica***. São Paulo: Perspectiva.
- MUSSOLINI**, Benito. La doutrina fascista. In: ***Fascismo y Marxismo***. Buenos Aires: Jorge Álvaro Editor, 1963.
- NIEBUHR**, Reinhold. ***Os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas***. São Paulo: Record, 1965.
- NIETZSCHE**, Frederico. ***Considerações Intempestivas***. Lisboa: Ed. Presença, 1976.
- NETO**, F. Rivas: ***Umbanda - A Proto-Síntese Cósmica***. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1990.
- NETO**, F. Rivas: ***Umbanda - O Elo Perdido***. São Paulo: Ícone, 1994.
- PARSONS**, Talcott. O aspecto político da estrutura e do processo. In: EASTON, David: ***Modalidades de Análise Política***. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PARSONS**, Talcott. ***Societies - Evolutionary and Comparative Perspectives***. London: Prentice-Hall, 1963.
- PEIRCE**, Charles Sanders. ***Semiótica***. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.
- PENNA**, Antonio Gomes. ***Cognitivismo, Consciência e Comportamento Político***. São Paulo. Ed. Revista dos Tribunais, 1986.
- PIAGET**, Jean: ***A Epistemologia Genética***. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PLATÃO**: ***A República***, Porto Alegre, Globo, 1964.
- POPPER**, Karl R.: ***Conhecimento Objetivo***, Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- PUCHKIN**, V. N. ***Heurística - A Ciência do Pensamento Criador***. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1969.
- RAWLS**, John. ***Teoria de la Justicia***. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- RICOEUR**, Paul: ***Da Interpretação***, Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- REIS**, Fábio Wanderley. Política e políticas: a ciência política e o estudo de políticas públicas. In: ***Cadernos DCP***. Belo Horizonte: Depto. Ciência Política, UFMG, 1977.
- REIS**, Fábio Wanderley. Mudança, Racionalidade e Política: Problemas básicos de teoria e método na ciência sócio-política contemporânea. In: LAMOUNIER, Bolivar (ed.): ***A Ciência Política nos Anos 80***. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982.

ROUQUIÉ, Allain. O mistério democrático: Das condições da democracia às democracias sem condições. In: ROUQUIÉ, Allain, LAMOUNIER, Bolivar; e SHVARZER, Jorge (org.). **Como Renascem as Democracias**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANDOVAL, Salvador. O Comportamento com Campo Interdisciplinar de Conhecimento: A Reaproximação da Sociologia e da Psicologia Social. In: CAMINO, Leôncio; LHULLIER, Louise; e SANDOVAL, Salvador: **Estudos sobre Comportamento Político**. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza: **Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna**, Rio de Janeiro, Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Ed., 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e Sistemas Partidários**. Rio de Janeiro: Zahar/Ed. Unb, 1982.

SASPORTAS, Howard. **Os Deuses da Mudança - Uma Nova Abordagem da Astrologia**. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

SCHECHTER, Stephen L. The Role of the States in the American Federal System. In: SCHECHTER, Stephen L. (editor). **Teaching about American Federal Democracy**. Philadelphia: Publius Book, 1984.

SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do Autoritarismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

SHAKESPEARE, William. "Macbeth". In: **Macbeth e Coriolano**. São Paulo: Ediouro, Ed. Tecnoprint S.A., 1981.

SMULDERS, Peter. **A Visão de Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1965.

STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a Verdade - Lições Preliminares sobre o Parágrafo 44 de Zein und Zeit**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

STEPAN, Alfred; **SKACH**, Cindy: Quadros metainstitucionais e consolidação democrática. In: LAMOUNIER, Bolivar; e NOHLEN, Dieter. **Presidencialismo ou Parlamentarismo**. São Paulo. IDESP/Ed. Loyola, 1993.

TRINDADE, Héglio. Bases da democracia brasileira: Lógica liberal e práxis autoritária. In: ROUQUIÉ, Allain et al., op. cit., 1985.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

XAUSA, Leônidas R. Universidade e Totalitarismo. **Revista Paz e Terra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.1, n.5, 1967.

ZERO HORA, Jornal de circulação diária, Porto Alegre.